



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL**

SILVANA ANTONIOLLI RAMOS

**AS DICOTOMIAS ENTRE AS DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA E
TÉCNICO-OPERATIVA COM BASE NA ANÁLISE TEÓRICA E NA EXPERIÊNCIA
ACADÊMICA DO SERVIÇO SOCIAL.**

Florianópolis
2018

SILVANA ANTONIOLLI RAMOS

**AS DICOTOMIAS ENTRE AS DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA E
TÉCNICO-OPERATIVA COM BASE NA ANÁLISE TEÓRICA E NA EXPERIÊNCIA
ACADÊMICA DO SERVIÇO SOCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de bacharel em Serviço Social.

Orientador: Professor. Doutor. Hélder Boska de Moraes Sarmiento

Florianópolis
2018

SILVANA ANTONIOLLI RAMOS

**AS DICOTOMIAS ENTRE AS DIMENSÕES TEÓRICO-METODOLÓGICA E
TÉCNICO-OPERATIVA COM BASE NA ANÁLISE TEÓRICA E NA EXPERIÊNCIA
ACADÊMICA DO SERVIÇO SOCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social e aprovado atendendo às normas da lei vigente da Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Graduação em Serviço Social.

Florianópolis, 03 de dezembro de 2018

Banca Examinadora

Prof. Dr. Helder Boska de Moraes Sarmiento
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dr.^a Marisa Camargo
1^a Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Dra^a Eliete Cibele Cipriano Vaz
2^a Examinadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis
2018

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir”

Cora Coralina

“ o momento em que vivemos é um momento pleno de desafios. Mais do que nunca é preciso ter coragem, é preciso ter esperanças para enfrentar o presente. É preciso resistir e sonhar”.

Marilda Vilela lamamoto (1998)

AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de lembrar com muito carinho de todos aqueles que estiveram direta ou indiretamente envolvidos na minha formação. Primeiramente agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui com saúde e disposição.

Meu agradecimento especial é para meu “moreco” Thiago que desde o início me apoiou e incentivou à graduação e puxou para si a responsabilidade maior do cuidado e atenção às nossas duas filhas – Isadora e Heloísa; meus pais amados Cristina e Celso, sem vocês eu simplesmente não poderia ter estado presente nas aulas e atividades, já que participaram juntamente com o Thiago do cuidado das nossas pequenas.

Aos meus irmãos Katuscia e Celso por fazerem parte da minha ‘primeira família’, à minha sogra Leda por ajudar sempre que possível.

Nesses anos contei com o apoio de vários professores, mas alguns precisam ser citados tamanha gratidão pelo amparo recebido em situações excepcionais, são elas: professora Andrea Fuchs, professora Samira Bastos e professora Helenara Silveira Fagundes, o meu muito obrigada!

Outros também têm espaço especial no meu coração, dentre eles o professor Helder, que me permitiu ingressar no espaço científico da formação, e que com sua calma e paciência direcionou-me por novos caminhos, fazendo-me acreditar que é possível enfrentar e vencer desafios como aquele em que fomos convidados a apresentar nosso relatório final da pesquisa Pibic à comissão de professores do CNPq, pois foi considerado um dos melhores trabalhos do nosso departamento, e isso me fez ter muito orgulho do senhor enquanto meu orientador, e de mim, pois a insegurança em pensar numa apresentação, já me abalava, e graças ao seu estímulo, superei esse que era um grande obstáculo para mim.

O admiro enquanto professor e pessoa, e sua experiência e comprometimento com a profissão serão sempre lembrados por mim com muito orgulho e exemplo a ser seguido.

As integrantes da banca, professora Marisa Camargo, Eliete Cipriano e Helenara Fagundes, muito obrigada pelo aceite em contribuir com essa discussão tão relevante ao nosso curso. À supervisora de campo de estágio Ana Paula, minha gratidão e amizade, pois me proporcionou analisar a realidade de forma mais tranquila e equilibrada, despertando em mim outro olhar e postura diante da fugacidade dos fatos, da vida...

Também gostaria de registrar meus agradecimentos aos colegas de curso que participaram dos Grupos focais, vocês fizeram toda a diferença no resultado final deste trabalho, ele também pertence a vocês!

RAMOS, Silvana Antonioli. **As dicotomias entre as dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa com base na análise teórica e na realidade acadêmica do Serviço Social.** Trabalho de conclusão de curso em Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

RESUMO

O presente trabalho trata das dicotomias entre as dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa a partir da análise teórica das obras de Yolanda Guerra e Cláudia Mônica dos Santos, juntamente ao estudo da experiência acadêmica do Serviço Social através dos apontamentos de dois grupos focais formados por estudantes do curso de Serviço Social da UFSC. Esse tema veio à tona quando da minha participação como bolsista do programa Pibic/CNPq da pesquisa intitulada: “Os fundamentos sobre ação profissional do Serviço Social”, sob a orientação do professor Helder Boska de Moraes Sarmento. Nessa pesquisa fiquei responsável pelo estudo literário das autoras Guerra e Santos, e naquele momento comecei a analisar mais criticamente minha própria formação. Por esse motivo, essas autoras foram escolhidas para o Trabalho de Conclusão de Curso. Entendo como relevante essa análise enquanto estudo e reflexão de duas das dimensões que compõem o fazer profissional. Como metodologia utilizou-se a análise bibliográfica das autoras Yolanda Guerra (1997, 2000, 2003, 2007, 2009, 2010, 2013, 2014, 2015) e Claudia Mônica dos Santos (2005, 2008, 2009, 2011, 2012, 2013, 2016); também as Diretrizes Curriculares; posteriormente, desenvolvemos o tema por meio da técnica de ‘grupos focais’, em que participaram, alunos(as) das últimas fases do curso de Serviço Social da UFSC. A análise e reflexão sobre todo o material, nos permitiu tecer alguns apontamentos: a supervalorização da teoria em detrimento da prática; o descuido com a oferta do ensino da prática, que poderia ocorrer através de oficinas ou outros métodos a serem pensados; a falta do contato mais expressivo com os instrumentos normalmente utilizados pelo Serviço Social, como entrevista, parecer social, visita domiciliar, resultando na ‘não aplicação do que preveem as Diretrizes Curriculares’ quando da articulação orgânica entre as dimensões – ‘mesmo grau de horizontalidade’; posicionamentos de alguns professores no sentido de afirmar que a profissão não é técnica, indicando desta forma um afastamento do estudo do instrumental técnico-operativo; e o que nos surpreendeu sobremaneira - evidência de sentimento de culpa, vergonha e receio por parte da maioria dos estudantes dos grupos focais, quando o assunto é ‘capacidade de reconhecimento’ do instrumental técnico-operativo, principalmente quando inseridos no campo de estágio e cobrados por seus supervisores de campo. Diante disso, acredita-se que o debate e enfrentamento de questões relacionadas ao estudo e aplicação das dimensões - teórica e técnica, precisa ser realizado.

Palavras-chave: teoria; prática; dimensão técnico-operativa; dimensão teórico-metodológica; Serviço Social.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

GEPSS – Grupo de Estudos e Pesquisas em Serviço Social

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciao Científica

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
2.1 AS PERCEPÇÕES DE YOLANDA GUERRA SOBRE A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA.....	15
2.1 A ONTOLOGIA DO SER SOCIAL E O SERVIÇO SOCIAL.....	15
2.2 BREVE TRAJETÓRIA DO SERVIÇO SOCIAL	15
2.3 DIMENSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA E TÉCNICO-OPERATIVA - DIMENSÕES QUE SE COMPLEMENTAM.....	16
2.4 FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO CONTEXTO DO CAPITAL	17
2.4.1 Teoria e prática – Dicotomias e cotidiano profissional	20
2.5.1 Dimensão Técnico-Operativa - Algumas Observações	22
3 AS PERCEPÇÕES DE CLÁUDIA MÔNICA DOS SANTOS A RESPEITO DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA.....	24
3.1 FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS PARA COMPREENSÃO DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA.....	24
3.2 TECNICISMO E TEORICISMO – ELEMENTOS QUE DESARTICULAM A TEORIA DA PRÁTICA.....	25
3.3 CRÍTICAS ÀS CONCEPÇÕES TRADICIONAIS QUE LIMITAM A DIMENSÃO TÉCNICO-OPERATIVA - O QUE AS DIRETRIZES CURRICULARES TÊM A VER COM ISSO?	26
3.4 A ABORDAGEM DA TEORIA E PRÁTICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL	28
4. DIRETRIZES CURRICULARES	30
4.1 A BUSCA DA IDENTIDADE PROFISSIONAL - BREVE HISTÓRICO.....	30
4.2 POR QUE PENSAR EM UM NOVO PROJETO DE FORMAÇÃO?	32
4.2.1 Princípios da Formação Profissional	34
4.2.2 O que as Diretrizes Curriculares indicam?	35
4.3 IMPORTÂNCIA E DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO DAS NOVAS DIRETRIZES E A SUA RELAÇÃO COM A TEORIA E PRÁTICA.	37
4.4 AS NOVAS DIRETRIZES ELIMINARAM OS PERCALÇOS DA FORMAÇÃO?	40
5. CONSIDERAÇÕES/APONTAMENTOS REFRENTES ÀS AUTORAS E DIRETRIZES CURRICULARES	42
6. GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DAS ÚLTIMAS FASES DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFSC	47
6.1 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	47
7. EXPOSIÇÃO DOS DADOS DO PRIMEIRO GRUPO FOCAL.....	51

7.1 PRIMEIRO TEMA GERADOR EM FORMATO DE QUESTIONAMENTO.....	51
7.2 SEGUNDO TEMA GERADOR EM FORMATO DE QUESTIONAMENTO.....	53
7.3 TERCEIRO TEMA GERADOR EM FORMATO DE QUESTIONAMENTO	54
8. EXPOSIÇÃO DOS DADOS DO SEGUNDO GRUPO FOCAL.....	56
8.1 PRIMEIRO TEMA GERADOR EM FORMATO DE QUESTIONAMENTO.....	56
8.2 SEGUNDO TEMA GERADOR EM FORMATO DE QUESTIONAMENTO.....	59
8.3 TERCEIRO TEMA GERADOR EM FORMATO DE QUESTIONAMENTO	60
9. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS GRUPOS FOCALIS A PARTIR DA REALIDADE ACADÊMICA	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS	70
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	73
APENDICE 1: Quadro com os textos da autora Yolanda Guerra	74
APENDICE 2: Quadro com os textos da autora Claudia Mônica dos Santos.....	75
APÊNDICE 3: Cronograma da pesquisa	76

INTRODUÇÃO

Essa pesquisa buscou compreender e analisar criticamente as tensões existentes entre a relação teoria e prática no curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, a partir de fontes bibliográficas e análise de dois grupos focais.

As obras das autoras Yolanda Guerra e Cláudia Mônica dos Santos foram escolhidas como fonte de pesquisa do TCC por terem sido utilizadas anteriormente na pesquisa Pibic-CNPq¹, na qual trabalhou-se o tema – Os Fundamentos sobre a ação profissional do Serviço Social, e abordam não só a ação profissional, mas também a gênese da profissão até os dias atuais, citando problemas já enfrentados no passado pela sociedade e também por profissionais do Serviço Social, muitos deles recorrentes na atualidade.

Estas autoras citam problemas do contexto socioeconômico; capitalista; a escusa por parte do Estado em assumir responsabilidades com a política social, buscando assim ‘dividir’ obrigações com entidades assistenciais e sociedade civil; a focalização das políticas sociais responsáveis por dar respostas às mazelas sociais - a repercussão disso na atuação profissional do Serviço Social e chegam finalmente ao ponto que nos toca, qual seja: as tensões vividas na relação teoria e prática; as dicotomias (algo que apresenta divisão), lacunas (espaço vago) e ausência de um contato mais direto com o instrumental técnico normalmente aplicado pelo assistente social na sua ação profissional, como pareceres sociais, entrevistas, visitas domiciliares, estudos sociais, relatórios, palestras, reuniões, encaminhamentos, atendimento individual e/ou grupo, acompanhamento social, prontuários, ficha de cadastro, o que julgamos ser necessário para que minimamente haja uma compreensão/apropriação mais adequada do: “por que” “para que”, “quando” e “como”, utilizar. (SANTOS, 2016)

Alguns questionamentos nos movem. Será que o ensino teórico apresenta um tom mais ‘afinado’ que o da prática? Haveria uma supervalorização da teoria em detrimento dos instrumentais técnicos? O que as Diretrizes Curriculares trazem a respeito dessa temática? É possível identificar as tensões que envolvem a relação teoria e prática na formação profissional em Serviço Social com base nas bibliografias do Serviço Social e também na experiência acadêmica?

Acredita-se que estamos diante de questões significativas para a formação, e que podem indicar a necessidade de atenção mais efetiva no âmbito da formação profissional.

¹ A pesquisa Pibic/CNPq é desenvolvida sob orientação do professor Hélder Boska de Moraes Sarmento com participação do Grupo de Estudos e Pesquisa em Serviço Social (GEPSS) da UFSC e busca compreender o conjunto de perspectivas que concebem a atuação profissional do Assistente Social.

Diante disso, fizemos um paralelo dos resultados teóricos à experiência acadêmica, agregando dados, informações e conhecimentos à pesquisa, advindo de dois grupos focais, com o intuito de também incentivar o debate.

Assim, nos parece ter essa análise relevância acadêmica já que o objeto da mesma, procura estabelecer a relação entre duas dimensões (teórico-metodológica e técnico-operativa) essenciais à formação, mas que a nosso ver, recebem tratamento diferenciado.

Importante destacar que a dimensão ético-política não foi abordada diretamente, pois não se objetivou explorar elementos dessa dimensão, assim, optou-se por focar apenas nas dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa.

Destarte o conjunto de elementos que compõe a ação profissional é demasiadamente extenso e complexo, e requer um perfil de profissional alinhado aos valores ético-políticos da profissão; conhecimentos sólidos e críticos sobre a realidade e seu contexto sócio-histórico-político; capacidades e habilidades técnicas para fazer escolhas entre a diversidade instrumental reconhecida e utilizada; portanto entende-se que a formação acadêmica que respeita a confluência entre estas dimensões, segue um caminho que melhor prepara o futuro profissional. No entanto, se percebe que este ainda constitui um desafio à formação.

Para buscar respostas, foi utilizado como metodologia a pesquisa bibliográfica para fundamentar e balizar as reflexões, tanto das obras das autoras, quanto das concepções das Diretrizes Curriculares, e posteriormente, uma avaliação qualitativa extraídas da participação/observação de dois grupos focais.

Sobre a pesquisa bibliográfica, Minayo (2001, p. 17) nos traz um dos elementos que motivou a realização desse projeto: “um problema da vida prática”.

Considera-se, portanto, que o processo de pesquisa se constitui em uma atividade científica que, através da indagação e (re)construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente á realidade. Assim como vincula pensamento e ação já que “nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática.

As tensões que envolvem teoria e prática fazem parte do universo acadêmico, ou seja, da experiência vivida e partilhada na academia. Por isso a importância deste tipo de pesquisa – *qualitativa* – visto trazer elementos singulares indispensáveis a compreensão dos fenômenos.

Num segundo momento, utilizou-se a técnica de grupo focal. De acordo com Tanaka e Melo (2001, p. 2) grupo focal “É uma técnica de pesquisa ou de avaliação

qualitativa não diretiva, que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico sugerido pelo pesquisador”.

Esse recurso foi escolhido por motivos relevantes: promover a interação necessária entre os membros participantes, a fim de que possam trazer dados valiosos ao debate; por conter técnicas de investigação e coleta de informações, simples e fidedelias, pois ocupa “uma posição intermediária entre a observação participante e a entrevista de profundidade” (Tanaka e Melo, 2001, p. 2), e também, por nutrir um diálogo muitas vezes reprimido durante as fases do curso, entendido aqui como primordial à formação profissional.

Através da interação social, com dois grupos formados por estudantes das últimas fases do curso de Serviço Social da UFSC, buscou-se compreender quais suas percepções, críticas e/ou posicionamentos a respeito da relação teoria X prática ofertada pelo curso, através de conteúdos teórico-metodológicos e técnico-operativos.

Aprofundar o conhecimento de, como essas dimensões – teórico-metodológica e técnico-operativa se apresentam na formação, através do ponto de vista de outros estudantes, permitiu trazer novas versões e opiniões a respeito dessa interlocução entre teoria e prática, pretendida quando da aplicação das Diretrizes Curriculares.

Ou seja, a metodologia escolhida procurou compreender o objeto, assentado na literatura e também por meio dos apontamentos trazidos pelos grupos focais.

Assim o presente trabalho está dividido basicamente em três partes essenciais, ou seja, a primeira traz a abordagem das autoras(es) no tocante as tensões e desafios na/da formação e atuação profissional e também informações a respeito das Diretrizes Curriculares; a segunda parte trabalha com os grupos focais e suas percepções a respeito da formação /experiência acadêmica e a última seção traz a análise dos dados coletados, conduzindo assim às considerações finais.

Desse modo, realizou-se a análise do material, fundamentada pela teoria e experiência acadêmica, levando em consideração inclusive aquilo que não foi dito verbalmente pelos membros dos grupos focais, mas de maneira implícita por gestos, olhares, expressões corporais e faciais.

2.1 AS PERCEPÇÕES DE YOLANDA GUERRA SOBRE A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

A concepção teórica por ela utilizada é pautada na razão crítico dialética como meio de compreensão das relações entre o trabalho e os processos ligados a ele (sociais, econômicos, históricos). Seus apontamentos não se restringem somente ao aspecto teórico-metodológico e técnico-operativo da profissão, ela faz um paralelo com categorias diversas, tais como: ontologia do ser social, trabalho; sociedade capitalista, formação, mercantilização. Assim para facilitar a compreensão do entendimento desta autora, dividimos em itens e subitens seus apontamentos. (GUERRA, 1997; 2009; 2014)

2.1 A Ontologia do Ser Social e o Serviço Social

O Serviço Social como profissão participa da divisão sócio técnica do trabalho, desta forma é marcado por condições histórico-sociais, sócio-econômicas e ideo-políticas e intervém em uma sociedade capitalista (periférica).

A natureza da profissão nasce nas relações sociais em seus contextos econômicos, político, cultural, onde toda conjuntura sofre alterações significativas que refletem diretamente na vida e comportamento dos sujeitos e, automaticamente nas relações de formação e atuação profissional do Serviço Social.

Sem adentrar ao tema a autora define o ser social como um ser real, que se constitui pelo trabalho, interage durante todo o processo de vida e se objetiva em uma sociedade dividida por relações sociais; servindo isso como referência para o Serviço Social, já que é uma profissão que faz parte da divisão do trabalho, e através dele – trabalho- se constitui e é constituída. (GUERRA, 1997)

Assim trabalho é visto como forma de produção e reprodução social e sustenta a existência e desenvolvimento humano em condições objetivas.

2.2 Breve Trajetória do Serviço Social

A autora resgata os primórdios da profissão, sua gênese, destacando o contexto da inserção e desenvolvimento capitalista, gerador de riquezas e também de mazelas sociais; a segmentação de classes; os conflitos advindos do antagonismo destas classes; suas demandas e reivindicações, requisitando assim um tipo de profissional que possa atuar de forma a

pacificar as relações, através de repasse de benefícios essenciais à sua reprodução, com a finalidade de garantir o pleno funcionamento sócio-econômico - fruto do sistema capitalista.

Desta forma vê-se o Serviço Social - e seu modo de atuação, transmutar-se de acordo com condições sociais e econômicas estabelecidas.

Transmutar-se porque inicialmente a profissão era reconhecida pelas práticas caritativas, onde os dogmas da igreja eram presentes na ação profissional, numa vertente religiosa; após superar essa visão de atuação, entra em cena a concepção positivista / funcional, onde o assistente social precisaria dominar técnicas e instrumentos para que o trabalho fosse eficiente.

Por último, a intenção de ruptura com o modelo conservador e o processo de reconceituação, baseado no campo teórico marxista, fez com que a prática profissional tivesse base em conhecimentos teóricos, lhe fornecendo subsídios para a intervenção crítica.

Assim para compreender a relação teoria e prática, a autora refaz o caminho do surgimento do Serviço Social e os processos de transformações sócio-históricas, sócio-econômicas, sócio-culturais, que fizeram com que a profissão se mantivesse em ritmo dinâmico, na busca de reconhecimento profissional e de uma prática consciente ‘desse conta’ das expressões da questão social.

2.3 Dimensão Teórico-Methodológica e Técnico-Operativa - Dimensões que se complementam

Para Guerra (2010, p.4) essas dimensões são entendidas como inseparáveis para o processo de formação e aperfeiçoamento da atuação profissional que é norteadas pelos princípios ético-políticos e pelo Projeto Profissional da categoria. A autora aborda de maneira bastante abrangente a relação teoria e prática; as dicotomias existentes; e a consequência trazida a partir dessa imbricação tanto para a formação, quanto para a atuação profissional. Essa visão abrangente engloba desde a concepção da própria atuação profissional; os ‘modelos prontos de ação’ inicialmente empregados pela categoria; o salto dado quando da compreensão da função social da profissão e as inflexões sofridas no fazer profissional em decorrência das transformações socioeconômicas, fruto do sistema capitalista.

Para que não haja cisão entre as duas dimensões (teórica e técnica) a autora acredita que a teoria baseada na razão inclusiva² possa indicar uma atividade prática, em que

² razão “inclusiva” atua no sentido de tanto dissolver a aparência fenomênica, posta nos fatos do cotidiano, quanto de apanhar o seu processo de constituição, suas legalidades tendenciais, seu movimento imanente e, ao

as duas dimensões estariam intervindo simultaneamente, e complementa que a “razão inclusiva, racionalista e dialética, por superar o empirismo, é capaz de captar tanto novos fenômenos que se insinuam quanto novos traços que se manifestam no interior dos processos já configurados na realidade social.(GUERRA, 1997, p. 5)

Acredita que o chavão “na prática a teoria é outra” vem do fato de se individualizar cada esfera, o que não poderia ocorrer, já que são “unidades na diversidade” e que o melhor meio para superar essa dicotomia é discutir e questionar as possibilidades e limites que estão surgindo a partir das atribuições e competências profissionais, com o intuito de fazer valer uma coesão entre as diversas dimensões da profissão.

Para ela a teoria é a chave para uma intervenção qualificada, e o perfil do assistente social não deve ser baseado num perfil técnico – “tecnocrata, tarefeiro”, a autora repudia ações práticas, controlistas e burocráticas como forma de ajuste da profissão:

Penso que seja a dimensão intelectual que permite-nos (re) conhecer os princípios, os fundamentos da ordem burguesa e as programáticas utilizadas pelo grande capital suas necessidades sociais, as quais, por meio de um conjunto de mediações, convertem-se em requisições à prática profissional. (GUERRA, 2015, p.15)

A autora imprime a necessidade de superar o pragmatismo e adotar a teoria e seus processos históricos, sociais, políticos, como base para análise e investigação da realidade com finalidade de obter assim intervenções qualificadas e propositivas.

2.4 Formação Profissional no Contexto do Capital

Quando a autora aborda a formação profissional, suas preocupações são no sentido de se ter uma sólida base teórico-metodológica e um aprofundamento da dimensão investigativa, a fim que o desvelamento da realidade possa conduzir a uma intervenção exitosa e que haja a associação entre a teoria e a prática como duas formas indispensáveis do saber.

Para isso avalia que as transformações sociais, o modo de produção e reprodução como produto da readequação do capital frente à crise, traz a tendência de aligeiramento na formação profissional com foco no atendimento das necessidades impostas pelo mercado, prejudicando sobremaneira o processo de formação que tem início na academia e resulta nos diversos tipos de intervenções profissionais.

superar as formas do raciocínio - bipolar, analógico, causal, empiricista - postas nas concepções formalistas, pode captar o “vir a ser” dos processos, o emergente (GUERRA, 1997)

De acordo com a autora a sociedade na qual estamos inseridos já reflete as consequências do capitalismo, através do consumismo, individualismo, competitividade, isso reforça valores próprios deste sistema como sendo naturais, desta forma a exploração da mão de obra e os resultados que essa exploração produz, fazem parte de uma ordem econômica posta, (i)mutável, onde a riqueza socialmente produzida é usurpada por poucos, restando a miséria a muitos, o que naturalmente gera a divisão e o abismo entre as classes sociais.

Nesse contexto de relações descartáveis, ilusórias e mercantilizadas, surgem inúmeras demandas; o sistema pede profissionais que deem respostas focalizadas, rápidas e genéricas. No processo ditado pelo mercado, a formação aligeirada do assistente social é cada vez mais comum, e frequentemente prepara o futuro profissional de modo que sua intervenção siga modelos prontos, acríticos, focados em resultados. Uma intervenção baseada na razão formal abstrata³, que:

Forja, mistifica, nega, os aspectos ontológicos da realidade e, conseqüentemente, a possibilidade de o sujeito intervir sobre essa realidade que, segundo o pensamento conservador, é dada objetivamente por conexões causais, possui uma legalidade férrea e uma "positividade" que garante a manutenção, cristalização e permanência de determinadas formas de comportamento e pensamento sob e sobre a ordem social burguesa. (GUERRA, 1997, p.6)

Voltando à relação teoria e prática, Guerra (2000, p.1) afirma que o ensino da prática está inferiorizado em relação ao da teoria: “o ensino da prática tem ocupado um espaço secundário no âmbito do currículo. Aqui está uma clara visão de subalternidade das chamadas disciplinas práticas em relação às teóricas”.

Considera que o ‘ensino da prática’ deve ser observado com critério, a fim de que não se torne limitado a instrumentos e etapas tal qual ‘geralmente ocorrem’ nos campos de estágio, demonstrando assim uma ruptura entre a teoria e a prática.

Historicamente no Serviço Social, o ensino da prática tem sido limitado: 1) ao ensino de instrumentos e técnicas e/ou das chamadas metodologias de ação; ao aprendizado restrito aos campos de estágio. (GUERRA, 2000, p. 153).

O que ocorre é **que o estágio tem sido reduzido à execução de tarefas** conferidas institucionalmente ao aluno, prestação de serviços, **locus da articulação entre teoria e prática, o que é ainda pior, aplicação da teoria na prática**, o que no limite reitera as ações instrumentais, imediatista e burocráticas realizadas pelos assistentes sociais. (GUERRA, 2003, p. 214) (grifos nossos)

Nesse sentido indica que a prática para ser ensinada, deve estabelecer conexões com as demais disciplinas, a fim de que a teoria possa dar parâmetros e demonstrar os meios e

³ - Sinteticamente, podemos afirmar que a racionalidade formal-abstrata trata os fenômenos e processos sociais como coisas, “exteriores, superiores e anteriores aos homens” e por isso independente da vontade dos sujeitos. (GUERRA, 1997)

as finalidades da intervenção profissional, esse cuidado se deve por dois motivos: o primeiro diz respeito a não incorrer nos erros do passado, onde a técnica era sobreposta à teoria; o segundo reforça o entendimento de que não há dicotomia entre a teoria e prática e sim “unidade na diversidade”.

Na nova lógica, o ensino da prática não pode mais se organizar em disciplinas estanques, que visem ao treinamento e avaliação dos estudantes para o exercício profissional, a perigo de ser um retrocesso em termos de formação profissional. (GUERRA, 2003, p.217)

Guerra (2000, p. 160) entende que o ensino da prática não deva ser visto como uma(s) disciplina(s), mas sim como “um trabalho conjunto com professores, supervisores e estudantes, dirigido a criação de metodologias capazes de permitir a síntese a que nos referimos: entre a transmissão e captação de **conhecimentos teórico-críticos e a aquisição de valores/princípios ético-políticos e habilidades**”.

Analisa “conhecimento técnico” como indispensável para, junto ao projeto ético-político profissional atuar e responder as demandas socialmente postas.

Ao negligenciar a técnica e não dimensionar adequadamente o lugar, o papel e o alcance do instrumental técnico-operativo no contexto do projeto ético-político profissional corre-se o risco de o assistente social não realizar as suas competências em responder às demandas que a sociedade lhe coloca por absoluta falta de conhecimento dos meios e mediações a serem mobilizadas para tal. (GUERRA, 2013, p. 21)

Referencia as Diretrizes Básicas da formação Profissional, onde as dimensões técnico-operativa e investigativa “devem caminhar juntas”.

A dimensão formativa referenciada nas Diretrizes Básicas da Formação Profissional dos Assistentes Sociais brasileiros tem, dentre seus princípios organizativos, a articulação orgânica entre a dimensão interventiva e a dimensão investigativa. Para tanto, um conjunto de conhecimentos, competências, saberes práticos e interventivos, habilidades e valores se colocam, no sentido de serem desenvolvidos do ponto de vista prático-profissional, visando a inserção do assistente social no mercado de trabalho. (GUERRA, 2013, p. 15)

Ademais deixa clara a importância do projeto profissional crítico como alternativa de formação consciente e balizada em um conjunto de elementos: “um conjunto de **conhecimentos teóricos e de saberes interventivos**, de valores, princípios e diretrizes éticas e políticas, de orientações sobre o perfil de profissional que se deseja formar e de diretrizes para tal” (GUERRA, 2007, p.8).

Entende como fundamental para a profissão, a conexão entre os saberes e conhecimentos, inclusive sobre economia, cultura, instituições, organizações, crise do capitalismo e da realidade social como um todo. Ou seja, um conhecimento ampliado do

contexto sócio-histórico, financeiro e político, a fim de que se possa executar satisfatoriamente a atividade profissional.

Outro fator importante, é que nem sempre a teoria poderá ser aplicada imediatamente na realidade, porque a realidade tende a ser sempre mais dinâmica, efêmera e complexa, entretanto fornecerá elementos para a compreensão das totalidades envolvidas, os instrumentos e técnicas mais adequadas a sua resolução.

Desse modo, o assistente social que situa a dimensão intelectual que lhe compete, compreende que operações particulares têm conexão com a totalidade e requerem a aquisição de preparo teórico (ético-político) e metodológico capaz de desvelar e efetivar sua atividade profissional (GUERRA, 2010, p.10).

A autora faz crítica ao novo padrão de racionalidade do capital e a forma de intervenção baseada em controle de técnicas instrumentais e acredita que somente com um conhecimento teórico sólido com base no projeto ético político, há meios para uma formação qualificada que supere o projeto liberal burguês. (GUERRA, 2014, p. 6)

2.4.1 Teoria e prática – Dicotomias e cotidiano profissional

Demonstra compreender a relação teoria e prática não apenas pela vertente teórico-didática, mas sim por um complexo de relações, conexões, suas características e também as consequências desses vínculos orgânicos, que terão reflexos na intervenção profissional do assistente social.

Assim traz de forma categórica (GUERRA, 2007) que é preciso cuidado para que o ‘fazer profissional’ não seja absorvido por dimensões de imediatividade e superficialidade, favorecendo ações automáticas e acríticas resultando em ações mecânicas e adestradas.

Para que a intervenção ocorra dentro de padrões mínimos de qualidade, a autora entende ser fundamental a apreensão teórica e política da profissão, permitindo um conhecimento que ultrapasse a aparência dos fatos e do senso comum.

Importante destacar o significado de tais elementos para uma melhor compreensão daquilo que Guerra (2007, p.13) expõe em algumas obras.

- A superficialidade é evidenciada quando as demandas são encaminhadas de maneira superficial de acordo com as prioridades do cotidiano, respondendo à sua extensividade e não sua intensidade, sem levar em consideração que se trata de demandas difusas, singulares, imediatas.

- Quanto à imediatividade - são as respostas dadas no nível mais rápido da reprodução social dos sujeitos.
- A diferencialidade está nos diversos tipos de requisições, onde o profissional procura responder a demandas muito diferentes entre si, ocupando integralmente a atenção dos sujeitos

As observações sobre dicotomias geralmente vêm seguidas de críticas aos profissionais que atuam no cotidiano, **sem refletir sua ação, como se a prática fosse suficiente para dar respostas e a teoria fosse um ‘estorvo’**. Do mesmo modo, a crítica se estende a alguns modelos de intervenção, em que o profissional se assemelha a um “técnico adestrado, que se curva perante a racionalidade do capitalismo”. (GUERRA, 2013, p. 19).

Para Guerra, (2013, p. 252) a discussão sobre dicotomia precisa superar processos pedagógicos: “Há que se lutar contra o pragmatismo universitário e romper com toda e qualquer fragmentação, em especial com a dicotomia entre os chamados profissionais da academia e os profissionais da prática”.

Também cita que a “profissão é inegavelmente operativa, e o que dá esse caráter instrumental é o tipo de resposta dada a sociedade, onde opera uma modificação na situação, nos aspectos objetivos e/ou subjetivos”. (GUERRA, 2013, p. 6). Porém não se pode ignorar que a teoria, a investigação e a pesquisa, precisam fazer parte da concepção de ação, uma vez que só assim a intervenção profissional terá possibilidades de uma apreensão das totalidades e fenômenos envolvidos, e posteriormente, a alteração pretendida daquela realidade.

Por isso, ainda que se trate de uma profissão eminentemente (mas não exclusivamente) interventiva, cabe resgatar a natureza teórica e investigativa das atribuições privativas e competências profissionais. (GUERRA, 2013, p. 17)

Sugere que a(s) dicotomia(s) existente(s) entre teoria e prática, também são geradas por “posturas profissionais radicais”, que supervalorizam a teoria, ou o contrário, supervalorizam a prática, gerando tal desequilíbrio, junto a isso o cotidiano e suas “armadilhas” favorecem a desvinculação destas duas dimensões.

A prática irrefletida (e somente ela), que analisa e intervém no cotidiano profissional, que não ultrapassa o nível da imediatividade do cotidiano, que responde às necessidades da mera reprodução individual, estabelece uma radical distância entre a elaboração teórica e a intervenção profissional. Ao mesmo tempo em que opera uma ruptura entre meios e fins, fortalece a concepção de que não importam os meios, desde que os fins sejam alcançados (GUERRA, 2013, p. 7)

Assim percebe-se que a autora se preocupa com o modo de atuação profissional, no sentido de que o profissional se oriente por um projeto profissional crítico.

2.5.1 Dimensão Técnico-Operativa - Algumas Observações

Em grande parte das obras analisadas, a autora deixa evidente a importância que cada dimensão (teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa) traz, e a necessidade de equidade entre elas como fundamental para uma formação crítica e de qualidade, mas reconhece que essa relação, possui algumas imprecisões, dicotomias, fazendo com que haja a percepção de que uma dimensão tenha preferência sobre a outra, justificando o chavão: “na prática a teoria é outra”.

A despeito do reconhecimento da essencialidade de desenvolver a sua dimensão teórico-metodológica, a categoria profissional historicamente tem mantido uma relação tensa e ambígua com as teorias sociais, o que vem a contribuir para a manutenção do chavão de que **“na prática a teoria é outra. (Guerra,2009, p.8)**

Ao tratar a dimensão técnico-operativa, se reporta a um sistema totalizador, onde todas as dimensões deveriam atuar em conjunto, ou seja, “uma síntese de múltiplas dimensões” (Guerra, 2013, p. 1).

Entende ainda que a dimensão técnico-operativa é o modo como a profissão se apresenta e que detém um aspecto político bastante considerável, visto que através de suas ações, define qual o projeto ético-político defende; ainda, que o estudo das três dimensões (teórico-metodológica, ético-político e técnico-operativa) é indispensável para “compreender” e desvendar aquilo que o cotidiano não mostra”.

Deixa clara sua preocupação ao retorno do tecnicismo e/ou ações pautadas na efetividade, onde a atuação profissional tenha preponderância sobre a teoria.

Pela própria natureza da profissão corremos o risco de tributar a nossa competência à utilização de procedimentos técnico-operativos superdimensionando o papel e o lugar do instrumental-técnico profissional. Com isso estamos reeditando uma tendência denominada de metodologismo, que, criticada desde a década de 70, se recicla através dos anos. (GUERRA, 2013, p.17)

Contudo, Guerra (2013, p.3) traz à tona a falta de prestígio da dimensão técnico-operativa, pela produção acadêmica, academia e também pela categoria, justificando que isso talvez se deva por medo de “incorrer nos velhos ranços do Serviço Social”, ou seja, a época em que o ‘fazer’ era sobreposto às demais dimensões.

Apesar da sua relevância, a tematização da dimensão técnico-operativa tem sido negligenciada pela atual produção acadêmica, pela formação profissional e pelo debate da categoria, daí considerarmos necessário resgatá-lo dando-lhe o merecido espaço na cena contemporânea. Tal lacuna se explica (mas não se justifica) pelo receio de incorrer nos velhos ranços do Serviço Social tradicional.

Afirma que o ensino da prática está inferiorizado em relação ao da teoria: “o ensino da pratica tem ocupado um espaço secundário no âmbito do currículo. Aqui está uma clara visão de subalternidade das chamadas disciplinas práticas em relação às teóricas”. (GUERRA, 2000, p.1)

De acordo com a autora, a pesquisa é um meio que permite a mediação entre a teoria e a prática, porém apresenta limites de “como formar profissionais pesquisadores, e como bem utilizar os espaços privilegiados para a instrumentalização do aluno ou capacitá-lo para utilizar-se do acervo técnico instrumental produzido” (GUERRA, 2000, 159). São ponderações relevantes que fazem parte tanto da formação (e a relação teoria e prática) quanto da atuação propriamente dita.

Diante disso, apesar da autora fazer apontamentos no sentido de reconhecer a falta de prestígio da dimensão técnico-operativa em detrimento às demais, e a necessidade de revisitar esse tema, a mesma não aprofunda efetivamente em suas obras, o ensino/aplicação dos instrumentos e técnicas normalmente utilizados pela profissão, deixando vaga essa apropriação do “como fazer”.

Para finalizar, deixa evidente que a relação teoria X prática não se reduz a uma simples conexão metodológica e pedagógica, visto estar inserida em todas as dimensões da intervenção profissional do Serviço Social.

3 AS PERCEPÇÕES DE CLÁUDIA MÔNICA DOS SANTOS A RESPEITO DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA

Para abordar a relação teoria e prática, a autora se baseia nos fundamentos de Marx e Engels a partir do materialismo histórico dialético; compreende e faz críticas a alguns profissionais no que diz respeito ao modo de conceber a dimensão técnico-operativa e automaticamente a relação teoria e prática; cita alguns elementos que limitam a compreensão desse vínculo, tais quais: medo do retorno ao tecnicismo; teorismo; ensino da operacionalização dos instrumentos baseado na razão formal abstrata; mercantilização do ensino superior.

Trabalha com a ideia de igualdade - ‘horizontalidade’ a todo o currículo entre as dimensões, mas informa que não vislumbra essa postura por muitos profissionais da categoria, discordando e apontando os equívocos que levam às dicotomias entre teoria e prática, com o intuito de que estas imprecisões possam ser superadas, primeiro, para que se cumpra as prerrogativas do novo currículo que reconhece tal ‘horizontalidade’, e também para que se viabilize meios para que a prática possa ser efetivada/implementada na formação.

3.1 Fundamentos Teórico-Methodológicos para Compreensão da Relação Teoria e prática

Ela parte do pressuposto de que há uma compreensão errada sobre o que seria ‘teoria’ e ‘prática’ a partir do materialismo histórico dialético e diz que Marx buscou conhecer teoricamente a sociedade capitalista, para assim poder transformá-la.

Santos (2016, p. 267) afirma que:

A teoria oferece, assim, a interpretação do real. Transformar esse real está no âmbito da prática social e requer outras mediações. Conhecer o real, interpretá-lo, é condição para transformá-lo, mas somente conhecer não basta, apesar de imprescindível.

A autora entende que há certa autonomia entre a teoria e prática, e como diria Marx, a teoria é ‘posterior’ à prática.

a prática é anterior à consciência, é parte de um desenvolvimento histórico. Se a prática precede a teoria, isso significa que há uma relativa autonomia entre teoria e prática e, nessa autonomia, a prática antecede a teoria porque é mais dinâmica, ou nas palavras de Marx (1985, p. 73) a teoria é *post-festum*. (SANTOS, 2012, p. 21).

Pelo fato de a realidade ser mais dinâmica, essa não permite que haja uma teoria que se encaixe perfeitamente na prática e nem sirva de modelo, já que ela (teoria) terá sempre

um valor aproximativo. Portanto a teoria não proporcionará respostas imediatas para que sejam revertidas em ação, o que pode oferecer, no entanto, são elementos, subsídios a respeito do objeto, da realidade e sua totalidade, a fim de que o profissional tenha capacidade de análise e atuação.

A teoria não pode alterar de imediato uma realidade, mas por outro lado, pode fornecer elementos para mudar a consciência/conhecimento que se tem a respeito dessa realidade e também antecipa-la e transformá-la.

[teoria] é o resultado de um movimento do pensamento para se apreender o objeto. No caso de uma prática profissional como a do Serviço Social, a teoria permite que o sujeito – assistente social – apreenda seu objeto de ação, seu movimento, ‘sua direção, suas contradições. (SANTOS, 2012, p. 28).

Vê-se que o conhecimento teórico é fundamental porque dá qualidade à formação profissional, auxiliando e subsidiando os instrumentos a serem utilizados, e desse modo tem uma relação quase que imediata com a prática. Temos aí “unidade na diversidade” e não “identidade na diversidade” - nas palavras da autora.

A autora informa que a prática parte de uma ação planejada, que tem como finalidade modificar o objeto de acordo com o que se tinha idealizado, mesmo que essa ideação não seja reconhecida conscientemente, e o resultado dessa ideação é concreto e nem sempre aquele inicialmente pensado.

Ou seja, não poderíamos esperar que uma teoria trouxesse respostas ideais/determinadas porque é a/na prática que os resultados acontecem, e estes dependem de muitas variáveis, sendo assim, verifica-se que as duas esferas são distintas, porém se complementam.

Baseada numa análise bibliográfica, Santos (2012, p.1) acredita, que a partir do momento que a categoria do Serviço Social incorporou os ensinamentos da teoria marxista – apoiado pelo movimento de reconceituação, esta não encontrou coesão entre a teoria e prática.

Santos (2006; 2010) indica que ao incorporar a teoria marxista - quando do movimento de ruptura com o Serviço Social tradicional – a categoria não buscou conjuntamente o desenvolvimento do estudo dos instrumentos e técnicas comumente utilizados pela profissão, destoando assim o ensinamento entre teoria e a prática.

3.2 Tecnicismo e Teoricismo – Elementos que Desarticulam a Teoria da Prática

Assim como Guerra (2002) aborda as transformações que a profissão passou para se superar e auto afirmar, Santos (2012) também destaca algumas fases em que o Serviço

Social buscou se (re)atualizar enquanto profissão (o início da profissionalização, onde os instrumentos estavam voltados para uma ação cristã/humanista, posterior a isso, o modelo tecnicista amparado pelo positivismo, e a partir da reconceituação, um modelo teoricista), o que de uma forma ou de outra, impacta ora na valorização da teoria, ora na valorização da prática, de acordo com a conveniência e interesses socioeconômicos.

Informa que ao tentar romper com o modelo tecnicista utilizado como parâmetro para a intervenção profissional, se instalou o distanciamento do estudo da dimensão técnico-operativa na nova direção profissional.

Além disso, o medo de incorrer em práticas tecnicistas pôde levar a outro extremo, o 'teoricismo', o que também implica negativamente a formação. (SANTOS, 2005, p. 28)

Demonstra preocupação com o fato de haver relatos sobre 'academicismo' e dificuldades de atuação após conclusão do curso, pois ao sair da universidade, os profissionais se deparam com uma realidade na qual não se sentem totalmente preparados para atuar, em razão da academia não ter estabelecido momentos particulares de intervenção, ou seja, há indicativos de que a academia saliente a importância das três dimensões, no entanto pode não estar havendo o mesmo reconhecimento/tratamento entre uma e outra.

Diante disso, a incompreensão das dimensões teórico e técnica, e também de elementos que integram a ação profissional, pode gerar uma expectativa equivocada a respeito dos instrumentos e técnicas.

3.3 Críticas às Concepções Tradicionais que Limitam a Dimensão Técnico-Operativa - O que as Diretrizes Curriculares Têm a ver com isso?

Observa-se um consenso entre Guerra e Santos com relação à importância das três dimensões (teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa) a fim de que o profissional desenvolva capacidades de intervenção, o que é algo positivo, visto a atuação ter sido durante muito tempo, baseada em conceitos religiosos, porém observa-se a lacuna em torno da discussão sobre as dimensão técnico-operativa, pois normalmente é entendida como um anexo das outras dimensões.

apesar da grande preocupação em se evidenciar que as dimensões formam uma unidade na diversidade, o que faz com que para se pensar a dimensão técnico-operativa seja necessário pensa-la em conjunto com as demais dimensões, nunca se apresenta uma reflexão sobre a dimensão técnico-operativa propriamente dita. (SANTOS, 2012, p. 4).

A relação teoria / prática se projeta e se reproduz equivocadamente quando a

teoria é entendida como transformação instantânea em prática, e esta prática compreendida como sinônimo de instrumentos e técnicas. Essa lógica demonstra que por trás disso há uma ideologia de mercado, que define pessoas e processos como mercadorias, suscetíveis a mesma efemeridade e fugacidade deste.

Quando a autora aborda o estudo dos instrumentos da dimensão técnico-operativa, constata a ausência de elementos para sua implementação, como literatura, por exemplo, e considera que com isso, os conhecimentos procedimentais sejam buscados em outras áreas profissionais, desqualificando desta forma o próprio arsenal técnico do Serviço Social.

A quase total ausência de bibliografia específica sobre os instrumentos e técnicas no Serviço Social parece refletir o pouco interesse de frações da categoria por essa temática. Essa postura pode estar fortalecendo a busca, por parte dos profissionais, por conhecimentos procedimentais de outras áreas, como, por exemplo, na Psicologia, na Pedagogia, na Administração, sem adequá-los à natureza do objeto de intervenção e aos objetivos propostos pelo Serviço Social.” (SANTOS, 2008, p. 236)

Acredita que não se podem reduzir os conhecimentos a um tipo de conhecimento específico - o teórico. É importante e fundamental buscar os conhecimentos sobre o instrumental técnico, pois a profissão atua na realidade e isso não pode ser ignorado. Santos (2010, p. 30) indica que “parece haver uma suposição equivocada de que conhecimento teórico e conhecimento procedimental possuem a mesma natureza”.

A autora sugere que não há um comprometimento legítimo, sólido e eficaz no que diz respeito ao estudo/aplicação dos instrumentos e técnicas, e que mesmo assim é reiteradamente suscitado através da crítica ao modo de como foi(é) utilizado, e sua condição de inferioridade com relação as demais dimensões do Serviço Social.

Santos (2008, p. 231) avalia negativamente o fato de o atual currículo não tratar especificamente nem detalhadamente dos elementos que compõem a dimensão técnico-operativa, e nem como esta dimensão possa ser trabalhada na prática, pois acredita que isso traz prejuízos consideráveis tanto para a formação quanto para a própria abordagem desse estudo, como por exemplo, a falta de conhecimento procedimental, gerando limites na atuação profissional.

Em outros termos, há uma indicação de que o “ensino da prática” deve ocorrer necessariamente nos três eixos, entretanto, considero que em níveis diferenciados, uma vez que compreender o significado social da profissão é fundamental para a ação, mas essa compreensão é de âmbito da teoria e não leva, de imediato, à materialização da prática. Para isso, exige-se também um outro tipo de conhecimento, o conhecimento procedimental. (SANTOS, 2008, p. 227)

Ainda cita a falta de detalhamento sobre os elementos que constituem a dimensão técnico-operativa, destacados nos programas das disciplinas.

Em análise documental da base da nova formação na parte que trata do ensino dos instrumentos e técnicas⁴, Santos (2012, p. 7) verifica que dos questionamentos necessários à intervenção profissional propriamente dita, “o que fazer”, “por que fazer” e o “para que fazer” **associam-se** ao “como fazer”, **mas este último não é abordado no projeto de formação profissional.**(grifos nossos)

3.4 A Abordagem da Teoria e Prática na Formação Profissional

Também compreende como fundamental que a formação profissional aborde o ensino da operacionalização dos instrumentos, pois é um dos meios de organização da prática, e não vê isso como sendo necessariamente um retrocesso.

Santos (2008, p. 220) defende “que ensinar como manusear os instrumentos não implica necessariamente uma razão manipulatória.”

Outro ponto levantado, porém não aprofundado, é a atual mercantilização do ensino superior, esta faz parte dos elementos que prejudica não só a compreensão das dimensões (teoria e prática), mas a formação como um todo, por haver não só o desrespeito ao “tripé” da educação- estudo, pesquisa e extensão, mas também a inferioridade do número de universidades públicas em relação a universidades privadas e ainda o crescimento dos cursos EAD.

Defende-se que os princípios, objetivos e diretrizes de projeto de formação profissional do(a) assistente social, em vigor desde 1996, são incompatíveis com o ensino a distância. Com isso não se pretende firmar que todo ensino presencial se aproxime necessariamente desses elementos (estudo, pesquisa e extensão) mas sim que essa modalidade pode favorecer essa aproximação, enquanto o EAD não.(SANTOS, 2011, p. 792)

Nesse sentido o estágio é um dos períodos onde há a possibilidade de o aluno pôr em prática boa parte daquilo que viu em sala de aula, um momento de observação, reflexão e conexão entre dimensões teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa, porém este espaço não pode ser compreendido como único a oportunizar esse tipo de atividade.

A segunda parte traz o estágio como um dos elementos que compõem esse ensino da prática, porém, indo na contramão da concepção de que ele é o único momento da formação responsável pela relação teoria/prática, mas, sim um componente privilegiado por fazer a mediação entre conhecimento teórico e conhecimento procedimental. (SANTOS, 2013, p. 135)

⁴ Ver em: <http://www.cfess.org.br/visualizar/menu/local/diretrizes-curriculares>

A autora acredita que o descontentamento com uma formação teoricista esteja ligado ao fato de não ser oportunizado conhecimentos procedimentais, que facilitem a conexão da teoria à prática, mediando conteúdos teórico-práticos. Ainda que haja uma tendência no curso, a um aprofundamento do estudo teórico, e certa dificuldade em articular teoria e prática, e, que cabe a todos, o enfrentamento de questões como esta.

pode haver, na formação, uma ausência ou poucos componentes curriculares que tratem dos conhecimentos procedimentais, técnico-operativos, éticos, necessários à mediação entre conhecimento teórico e intervenção profissional, em detrimento dos componentes que tratam mais dos conhecimentos teóricos. (SANTOS, 2013, p.147)

Posto isso, Santos (2013, p. 139) reivindica uma formação que se preocupe com a qualificação operativa, associada aos diversos saberes, facilitando assim o reconhecimento de campos de formação e realidade. Esse conhecimento técnico não desqualifica a ação, porque está baseado em valores e na análise do real.

As dimensões que compõe o campo da teoria e prática contém vários elementos indispensáveis para a discussão dessa dialética relação, isto é, para a passagem da teoria à prática; múltiplas fases e fatores estarão imbricados, perpassando o da formação profissional; materialismo histórico dialético; posicionamento ético-político da profissão; as causalidades; finalidades; meios utilizados para se chegar ao fim; (in)capacidade institucional; interesses sócio-econômicos dominantes, entre outros.

Como visto, há dicotomias que se colocam no processo de apreensão e intervenção profissional, ou seja, entre a teoria e a prática, e que precisam ser consideradas, e enfrentadas para que não haja a reprodução inadequada de que “na prática a teoria é outra”.

Afirmar que o conhecimento teórico bastaria para se pensar o instrumental técnico para uma intervenção, não podem ser consideradas como absolutas, pois dessa maneira não se destacaria o conhecimento sobre a realidade, e as mediações (instrumentos) necessárias para a passagem da teoria à prática, havendo assim, o distanciamento entre um acervo teórico e um acervo sobre intervenção.

A autora traz à tona considerações feitas em várias pesquisas - Gentilli (1998) e Vasconcelos (2002) postas ao Serviço Social que indicam o “distanciamento da teoria e da prática”. Ainda: “formulações teóricas que não respondem às demandas por uma inovação dos instrumentos/técnicas e das metodologias profissionais”, “a formação profissional tem sido muito generalista, de caráter crítico, mas pouco instrumentalizadora”; “o desprezo pelos instrumentos e técnicas da concepção tradicional, não teria culminado na discussão dos instrumentos a serem utilizados”. (SANTOS, 2005, p. 23).

4. DIRETRIZES CURRICULARES

Para compreendermos os motivos do processo de revisão curricular, é necessário voltar um pouco no tempo, para analisar a história do Serviço Social na perspectiva de sua gênese, seu acervo intelectual e profissional, desafios/superações e o permanente processo de busca por respostas as expressões que definem as desigualdades sociais impostas pelo mundo do capital à sociedade como um todo.

4.1 A busca da identidade profissional - Breve histórico

A formação profissional é um tema bastante recorrente na literatura do Serviço Social, porque desde sua origem a categoria busca se afirmar enquanto profissão, e por muito tempo foi orientada pelos ensinamentos da igreja católica – ações benemerentes; e correntes europeias - que praticavam assistencialismo por meio da burguesia.

Com o surgimento e desenvolvimento do capitalismo no Brasil, viu-se crescer demasiadamente o número de pobres vivendo em condições sub-humanas, após saírem do interior das cidades para tentar emprego nas indústrias instaladas nos centros urbanos. Estes sem infraestrutura e condições de oferecer trabalho e oportunidades a todos.

Diante disso greves começaram a ser deflagradas e o descontentamento era geral, fazendo com que o governo, burguesia e também a igreja católica, trabalhassem para ‘colocar um ponto final’ na desordem gerada, através de acalantos e ações focalizadas.

Nesse contexto o Estado se articula em prol dos interesses da burguesia e também das necessidades (mínimas) dos trabalhadores, a fim de diminuir os conflitos entre as classes, e manter o controle social e desenvolvimento industrial, através da prestação de serviços dos assistentes sociais, que intervinham no sentido de mediar as tensões e disputas ocasionadas pela exploração da força de trabalho e apropriação desigual da riqueza socialmente constituída.

De acordo com Koike (1999, p. 104) desde o surgimento a profissão foi suportando ‘inflexões’ nos seus processos de trabalho em função de variáveis como o papel desenvolvido pelo Estado; sistema financeiro de acumulação e a luta de classes, e entre as décadas de 1960 e 1970, começa a se reconhecer como uma profissão de caráter político, eclodindo assim vários movimentos da categoria na busca de sua emancipação, repensando sua atuação, e avançando verdadeiramente após o movimento de reconceituação (intenção de

ruptura), onde fundamentou suas bases na teoria social de Marx, (materialismo histórico dialético) para se constituir e conduzir a atuação profissional, em favor da classe trabalhadora.

O Serviço Social é uma profissão que passa por interferências sócio-políticas, financeiras e internacionais, visto a globalização penetrar diretamente nos assuntos econômicos do Estado, sendo um dos motivos pelo qual a profissão enfrenta os desafios impostos pela conjuntura através de organização da categoria e capacitação profissional, sendo as diretrizes curriculares, a incorporação dos ideais da formação e atuação profissional.

As exigências postas ao mercado de trabalho e à sociedade transmutam conforme a (re)adequação necessária, a isso Guerra (2014) chama de barbárie, ou seja, a “nova” fase do capitalismo que afeta diretamente nossa vida pessoal e profissional.

Desta maneira, a necessidade de mudanças se impõe principalmente nos processos educativos e de trabalho, visto a demanda por profissionais multifacetados, altamente técnicos, maleáveis aos formatos de contratação e remuneração impostos pelo mercado, aumentar e se intensificar nesse sentido. Aliás, não são ‘formatos’ de contratação, porque estão deformados - e se “caracterizam pela escassez de empregos, e pelo trabalho autônomo, terceirizado, informalizado, precarizado, exigindo, portanto, em qualquer dos casos, a produção/reprodução de subjetividades adequadas a renovada organização social do projeto capitalista”. (KOIKE, 1996, p. 11).

O projeto de reorganização do currículo é atravessado por tais mudanças, em um período em que no Brasil busca-se implementar um programa mais amplo da reforma do Estado, desobrigando este, das responsabilidades com o ensino superior, isso significa dizer que o projeto neoliberal está voltado a implantar uma política educacional dentro da lógica do mundo globalizado, de alta competitividade, segmentado, e que “num piscar de olhos” tudo se torna ultrapassado.

Nesse sentido, é preciso lutar contra essa onda que vem na contramão da igualdade e desenvolvimento dos direitos sociais e de cidadania, exigindo uma proposta de projeto de formação profissional que encare os desafios de maneira ainda mais consciente no que tange ao trabalho do(a) Assistente Social.

Santos (2011 apud Cassab e Lima, 2002, p. 83) esclarece como a política educacional está voltada aos interesses do capital, imprimindo a necessidade de resistência e aperfeiçoamento à categoria profissional:

A chamada política educacional tem sido a política de corte de verbas públicas para a educação e especificamente para a educação superior. A alocação destas já escassas verbas é feita tanto para as universidades públicas quanto para as universidades privadas - tratadas num mesmo patamar e estariam condicionadas a um processo de

avaliação institucional constituído a partir da lógica empresarial custo/benefício e da produtividade de cada universidade entendida nos parâmetros de adequação a formação profissional a partir das exigências do capital.

Nesse sentido, é preciso buscar uma formação que confronte os processos que fazem a sociedade retroceder, tendo em vista que o neoliberalismo foca na desregulamentação não só das políticas públicas, mas no papel do Estado em provê-las.

4.2 Por que pensar em um novo projeto de formação?

A proposta de revisão para o curso de graduação de Serviço Social foi um movimento articulado e consciente, ancorado na maturidade intelectual e profissional da categoria, atenta às alterações da sociedade, da produção e reprodução da força de trabalho, e que atinge todas as esferas da vida social, inclusive os processos educativos-formativos. Diante disso, houve a preocupação em garantir a qualidade da formação profissional no âmbito do Serviço Social, visando um perfil profissional apto a atuar em um mundo cada vez mais complexo e fluido, que vive constantes mudanças, e que exige assim competências e agilidades no modo de atuação, destacando nesse momento a pesquisa como meio para o desvendamento da realidade.

Para compreender as necessárias alterações no currículo dos assistentes sociais, é preciso primeiro ter consciência de que as transformações mundiais, a globalização, o capitalismo com declínios e reestruturações (para sua manutenção/acumulação), atingem diretamente todos os tipos de relações sociais “do útero à cova” (GUERRA, 2014, p. 34 apud NETO, 1981, p. 82).

No que concerne à formação profissional, Koike (1999, p. 103) a define como “um processo dinâmico, continuado, inconcluso, em permanente exigência de apropriação e desenvolvimento dos referenciais críticos de análise e dos modos de atuação na realidade social”. Sendo assim, é pertinente que se busque atualização e superação do fazer profissional, de modo que esse possa transitar facilmente entre esferas teórico-metodológica (observação/compreensão/análise da realidade), e técnico-operativa (projeção de ações baseadas no projeto profissional da categoria, utilização de instrumentos e técnicas) e retirar destas dimensões tudo que for pertinente à intervenção propriamente dita.

Diante de um cenário de insegurança e movido por práticas neoliberais, buscou-se desenvolver um projeto de reformulação das diretrizes que pudesse capacitar teórica, técnica e eticamente o futuro profissional, com bases em conhecimentos sócio-históricos e práticas

profissionais, ainda de acordo com Koike (apud CEDEPSS, 1995) “o elemento de continuidade entre ambos projetos - novo currículo e o de 1982 – é ter como suposto a adoção de uma teoria social crítica e de um método que permita a apreensão do singular como expressão da totalidade social”.

Para isso contou com a participação de uma comissão de especialistas de Ensino em Serviço Social e diversas entidades organizativas da categoria, e fora dela, através de oficinas locais; regionais e nacionais.

Em 1995 deu-se início a primeira etapa de análise do projeto de reforma curricular. No ano seguinte é continuado o trabalho coletivo por meio de oficinas, onde foi elaborado um segundo documento: “Proposta Básica para o Projeto de Formação Profissional: novos subsídios para o debate”.

Como o projeto profissional da década de 1980 era voltado para o significado social da profissão, entendeu-se necessário revisitar o atual contexto social, financeiro e político, para a partir daí, nortear as concepções e enfrentamento da questão social, dada as profundas transformações do mundo do trabalho através da reestruturação produtiva, que altera radicalmente as relações entre o público e o privado; o modo de produção e reprodução da vida; e automaticamente as demandas sociais.

A reformulação curricular teve como fundamento as exigências da contemporaneidade, requisitando assim padrões de qualidade do ensino superior e também os projetos que norteiam a formação profissional e manutenção do vínculo orgânico entre as dimensões que articulam o Serviço Social, Cardoso et al (1996, p. 60) cita:

- a particularidade da profissão como interventiva no âmbito da questão social;
- que a relação da profissão com a questão social é intermediada por diversos fatores, principalmente por processos sócio históricos e teórico-metodológicos;
- a necessidade de atualizações no campo profissional em função do reordenamento do capital e do trabalho, requerendo assim novas posturas;
- o desenvolvimento do trabalho do Serviço Social é definido por estruturas e conjunturas da questão social e pela maneira que os ‘atores desse cenário’ - trabalhadores, Estado, burguesia- fazem seu enfrentamento.

Segundo o mesmo autor durante os debates que seguiram no processo de

reformulação, surgiram três temáticas importantes para a categoria gerando a necessidade de discussão e melhor compreensão para o próprio trabalho do(a) assistente social, são elas:

- Questão social – Conhecer a questão social é fundamental para que seja possível enfrentar as dimensões estratégicas e técnico-operativas do trabalho profissional. É apreendida com o acervo histórico, teórico-metodológico, para compreensão de “novas” demandas, complexificadas, e todos os elementos que a compõem – base de fundação do Serviço Social na sociedade; suas variações regionais, luta de classes e resistência. Com a preocupação de formar profissionais habilitados para lidar com as sequelas da questão social;

- Trabalho profissional – o foco para a revisão curricular, está na construção de um perfil profissional baseado em competências teórico, ética e técnicas, também em repassar noções de “trabalho, de questão social, de Estado e de classes sociais, entre outras, à medida que se captam processos e elementos estruturantes da realidade social e do Serviço Social” Cardoso (1996, p. 28) a ação transformadora desse trabalho, os meios de trabalho, instrumentos técnicas, recursos materiais e intelectuais;

- A universidade brasileira na atualidade- Este ponto foi indicado porque pensar na construção de um projeto de formação implica considerar as condições, recursos e alterações que podem vir a ocorrer na universidade e rebater diretamente na formação; as crises a qual atravessa, de intervenções autoritárias e resistências pela conquista de sua autonomia através de obtenção de maiores aportes em recursos, as privatizações, reforma universitária que promove a formação voltada ao mercado de trabalho, com distanciamento (inclusive interno) entre os centros de ensino, sem a valorização do tripé necessário a formação, “ensino pesquisa e extensão” (CARDOSO, et. al 1996, p. 15)

Entendemos como indispensável a transcrição dos Princípios e Diretrizes da formação profissional do Serviço Social, a partir dos CADERNOS ABESS (2016), por permitir a visualização e análise de seu conteúdo.

4.2.1 Princípios da formação profissional

São princípios que fundamentam a formação profissional:

1. Flexibilidade de organização dos currículos plenos, expressa na possibilidade de definição de disciplinas e ou outros componentes curriculares - tais como oficinas, seminários temáticos, atividades complementares - como forma de favorecer a dinamicidade do currículo;

2. Rigoroso trato teórico, histórico e metodológico da realidade social e do Serviço

Social, que possibilite a compreensão dos problemas e desafios com os quais o profissional se defronta no universo da produção; e reprodução da vida social.

3. Adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade;

4. Superação da fragmentação de conteúdos na organização curricular, evitando-se a dispersão e a pulverização de disciplinas e outros componentes curriculares;

5. Estabelecimento das dimensões investigativa e interventiva como princípios formativos e condição central da formação profissional, e da relação teoria e realidade;

6. Padrões de desempenho e qualidade idênticos para cursos diurnos e noturnos, com máximo de quatro horas/aulas diárias de atividades nestes últimos;

7. Caráter interdisciplinar nas várias dimensões do projeto de formação profissional;

8. Indissociabilidade nas dimensões de ensino, pesquisa e extensão;

9. Exercício do pluralismo como elemento próprio da natureza da vida acadêmica e profissional, impondo-se o necessário debate sobre as várias tendências teóricas, em luta pela direção social da formação profissional, que compõem a produção das ciências humanas e sociais;

10. Ética como princípio formativo perpassando a formação curricular

11. Indissociabilidade entre estágio e supervisão acadêmica e profissional.

4.2.2 O que as Diretrizes Curriculares indicam?

Estes princípios definem as diretrizes curriculares da formação profissional, que implicam capacitação teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa para a:

1. Apreensão crítica do processo histórico como totalidade;

2. Investigação sobre a formação histórica e os processos sociais contemporâneos que conformam a sociedade brasileira, no sentido de apreender as particularidades da constituição e desenvolvimento do capitalismo e do Serviço Social no país;

3. Apreensão do significado social da profissão desvelando as possibilidades de ação contidas na realidade;

4. Apreensão das demandas - consolidadas e emergentes - postas ao Serviço Social via mercado de trabalho, visando formular respostas profissionais que potenciem o enfrentamento da questão social, considerando as novas articulações entre público e privado;

5. Exercício profissional cumprindo as competências e atribuições previstas na Legislação Profissional em vigor.

No que diz respeito à nova lógica curricular esta se volta para uma formação baseada na dinâmica da sociedade e também sócio institucional. Essa lógica se baseia na construção contínua dos conteúdos/assuntos ligados a realidade social, numa perspectiva de integração dinâmica e flexível destes conteúdos, de modo que estes “conversem entre si”. Para isso dividiu-se o conjunto de saberes em núcleos de fundamentação, quais sejam:

- Núcleo de Fundamentos teórico-metodológicos da vida social;
- Núcleo de Fundamentos da formação sócio-histórico da sociedade brasileira;
- Núcleo de Fundamentos do trabalho profissional.

Importa destacar que a intencionalidade desses núcleos está na sua inter-relação, na medida em que os conteúdos não são estanques, mas sim uma totalidade de conhecimentos que se articulam durante toda a formação profissional, permitindo uma melhor apropriação e mediação entre a teoria e a prática.

De acordo com Koike (1999) cada Núcleo de Estudo tem suas particularidades:

O **Núcleo de Fundamentos teórico-metodológicos** da vida social tem como eixo articulador o(s) conhecimento(s) da esfera social e a lógica do capital, por meio do conhecimento do “*ser social e do trabalho profissional*”, o desenvolvimento da sociedade burguesa, suas relações de exploração e dominação; desigualdades sociais; modo de resistência e reprodução das classes sociais.

O **Núcleo de Fundamentos da formação sócio histórica da sociedade brasileira** tem seu fundamento na constituição econômica, social, política e cultural da sociedade brasileira. (KOIKE, 1999, p. 113). A partir desses conhecimentos há o desdobramento para os padrões de desenvolvimento capitalista, desigualdades e exclusão social, a organização do processo de trabalho e as consequências e implicações na constituição e na reprodução da força de trabalho; O papel do Estado frente ao confronto de classes, as políticas sociais; O Serviço Social e suas contradições no tocante ao trabalho nas instituições e organizações, sejam elas públicas e/ou privadas.

A compreensão de todas essas dimensões, associada a um conhecimento profundo das classes subalternas, sua composição, condições de vida e trabalho, formas de manifestação social, cultural, ética e política, suas formas de resistência/subalternização, fazem parte da análise conjuntural deste núcleo de fundamentos. (ABESS/CEDESPSS, 1996, p. 66)

O **Núcleo de Fundamentos do trabalho profissional** aborda os principais

elementos da profissão e constituição do trabalho social, sua historicidade; fundamentação teórica, metodológica e técnica; espaços de trabalho; a estrutura técnico-operativa, como a pesquisa o planejamento; a administração em Serviço Social; e o estágio supervisionado. (KOIKE, 1999, p. 113).

Destaca-se o ‘fazer profissional’ ligado ao objeto do trabalho o qual pretende transformar; os meios de trabalho, ou seja, os instrumentos, técnicas e recursos materiais e intelectuais, a finalidade desse fazer.

Esse núcleo reforça que um dos fundamentos do Serviço Social parte da história da sociedade, e a partir daí suas demandas e todas as contradições do trabalho profissional. Busca-se através do estudo deste, resgatar o rigor teórico-metodológico junto à dinâmica da sociedade (comunhão entre teoria e prática). Para que ocorra comunhão entre teoria e prática entende-se como fundamental o exercício da investigação com a finalidade de ordenar a teoria e o exercício profissional, adotando estratégias, e também a escolha do instrumental técnico.

Entende-se que a ação profissional valoriza e é valorizada por outras dimensões - intelectual e ontológica do trabalho transformando o que poderia ser uma ‘simples intervenção tecnicista/ pragmática’ em algo muito mais rico e propositivo em termos de projeto profissional.

4.3 Importância e Desafios da Implementação das Novas Diretrizes e a sua relação com a Teoria e Prática

A implementação das novas Diretrizes Curriculares traz desafios e mudanças significativas no que diz respeito à relação ensino e prática, adotadas historicamente pelos profissionais da categoria.

Alguns dos eixos centrais das novas Diretrizes tratam respectivamente: Da Questão Social; Rigor Histórico e Teórico-Metodológico; Direção Social; Projeto de Formação Profissional e dos Fundamentos Histórico-Teóricos Metodológicos do Serviço Social.

Esses eixos trazem de forma direta ou indireta o modo de condução e apropriação do conhecimento à efetivação da prática profissional.

A ‘Questão Social’ está relacionada ao sistema sócio, político e econômico e dá origem a profissão do Serviço Social no Brasil. Diante disso, conforme bem colocado por Cardoso (2000, p. 10): “a questão social é um dos eixos centrais das novas diretrizes da formação profissional [...] não se pode negar o significado histórico desse fenômeno nos processos interventivos do Assistente Social e na formação profissional”.

Salienta-se que a questão social apresenta diversidades regionais, e singularidades muito próprias nas diferentes realidades do país, devendo ser necessariamente contemplada nos debates sobre os currículos. (KOIKE, 1996, p.18).

De acordo com Cardoso (2000, p. 13) outro eixo que merece destaque - ‘Rigor Teórico-Metodológico’, também está vinculado a relação teoria e prática, quando constatamos como “Princípios Formativos Indispensáveis” - a pesquisa, extensão, a **dimensão investigativa**, ética e a **dimensão interventiva**, ou seja, a fundamentação teórica se vê atrelada à dimensão técnico operativa através (dentre outros) da investigação.

A ‘Direção Social’ e o ‘Projeto de Formação Profissional’, contemplam a indissociabilidade entre teoria e prática no momento em que o projeto de formação profissional está comprometido com a transformação social e para que essa transformação supere utopias, repete-se: são necessários conhecimentos teóricos balizadores associados às práticas de investigação, estratégias e intencionalidade.

O projeto profissional é um elemento de unidade entre teoria e prática. Sem esse elemento, ainda que nem sempre percebido pela consciência do profissional, a atuação na realidade carece de uma unidade, de elementos que possam homogeneizar determinados elementos da cultura e determinadas posturas profissionais conscientemente adotadas, diferenciando-as de ações sociais, voluntárias ou não”. (GUERRA, 2007, p. 24).

Cardoso (2000, p.14) diz que a ‘Formação Profissional’ referencia a ótica pluralista na sua construção, fazendo com que haja interlocução crítica entre pensamentos distintos, construindo assim, um pensamento predominante entre todos; e vinculada à formação profissional encontra-se a capacitação teórico-metodológica, voltada a um perfil de profissional compatível com a direção social da formação profissional e que “responda às exigências das competências e habilidades profissionais previstas na lei que regulamenta a profissão e no seu código de ética”.

os pressupostos básicos das novas diretrizes curriculares da formação profissional do Assistente Social traçam um determinado desenho da profissão: Particularizam o Serviço Social no conjunto das relações de produção e reprodução da vida social, como uma profissão de caráter **interventiva**, cujo sujeito – o Assistente Social **intervém** no âmbito da questão social”. (CARDOSO, 2000, p. 7) (grifos nossos)

Sobre o eixo articulador das novas diretrizes que concerne aos ‘Fundamentos Histórico-Teóricos Metodológicos do Serviço Social’ estes demonstram um desafio no processo de implementação das novas diretrizes curriculares em função dos “diversos entendimentos sobre a relação orgânica entre esses fundamentos e dificuldades de articulação dos conteúdos na construção do ementário e seus desdobramentos na definição das disciplinas.”

Alguns elementos foram apontados no debate ocorrido na Oficina Nacional para Implementação das Diretrizes Curriculares, em Brasília no ano de 2000, de acordo com Cardoso (2000, p. 15) são eles:

- Necessidade de contextualizar a profissão em âmbito nacional e internacional, no estudo dos referidos fundamentos;
- Indicação como base para o estudo desses fundamentos, a história da sociedade de classes, que tem a questão social como expressão de sua contradição;
- Leitura da história a partir de uma postura crítica;
- Riscos do predomínio do passado sobre o presente, na incursão histórica para apreensão do Serviço Social na contemporaneidade;
- Entendimento equivocado dos fundamentos históricos e teórico-metodológicos como fusão de teoria, história e método, dimensão dos fundamentos que devem ser tratados articuladamente.

Dentre os Princípios que fundamentam a formação profissional, um específico – 5 Princípio traz: “Estabelecimento das dimensões investigativa e interventiva como princípios formativos e condição central da formação profissional, e da relação teoria e realidade”.

Ou seja, a dimensão técnica (investigação e uso de estratégias) deve ser valorizada, considerada em nível de horizontalidade frente às demais dimensões, não podendo ser relegada a segundo plano, assunto que já foi abordado por alguns autores como Guerra.

A dimensão formativa referenciada nas Diretrizes Básicas da Formação Profissional dos Assistentes Sociais brasileiros tem, dentre seus princípios organizativos, a articulação orgânica entre a dimensão interventiva e a dimensão investigativa. (GUERRA, 2013, p.15)

Ao negligenciar a técnica e não dimensionar adequadamente o lugar, o papel e o alcance do instrumental técnico-operativo no contexto do projeto ético-político profissional corre-se o risco de o assistente social não realizar as suas competências em responder às demandas que a sociedade lhe coloca por absoluta falta de conhecimento dos meios e mediações a serem mobilizadas para tal. (GUERRA, 2013, p. 21)

Vê-se que há a preocupação com a forma de apreensão da realidade, análise e uso

da técnica como mediação da ação, ganhando espaço significativo na reformulação curricular.

4.4 As Novas Diretrizes Eliminaram os Percalços da Formação?

Ainda não é possível mensurar exatamente os resultados da aplicação do projeto de revisão curricular e sua progressão no cenário brasileiro, sabe-se, porém, que esse instrumento de grande valia traz avanços qualitativos no debate e no aperfeiçoamento da formação e atuação da categoria, carregando em seu bojo uma gama de componentes ricos e propositivos para uma ação mais contundente no que diz respeito as novas demandas postas pelo reordenamento do capital.

Questiona-se como está se dando o desenvolvimento e implantação das diretrizes curriculares no que diz respeito, por exemplo, aos princípios formativos que contemplam ensino, pesquisa e extensão como sendo indissociáveis e indispensáveis à formação, numa sociedade em que o ensino a distância ganha cada vez mais alcance.

Santos (2011, p. 792) pondera que apesar de o estudo presencial não ser garantia da aplicação dos princípios e diretrizes do projeto de formação, ele é o mais adequado para que seus objetivos sejam obtidos

Defende-se que os princípios, objetivos e diretrizes de projeto de formação profissional do(a) assistente social, em vigor desde 1996, **são incompatíveis com o ensino a distância**. Com isso não se pretende firmar que todo ensino presencial se aproxime necessariamente desses elementos, mas sim que essa modalidade pode favorecer essa aproximação, **enquanto o EAD não**, tendo em vista os elementos apontados acima. (grifos nossos)

Essa autora faz uma análise dos documentos “base” da nova proposta para a formação profissional do Serviço Social no que diz respeito ao ensino dos instrumentos e técnicas, e verifica que, dos questionamentos necessários a intervenção profissional propriamente dita, “o que fazer”, “por que fazer” e o “para que fazer” associam-se ao “como fazer”, mas este último não é abordado no projeto de formação profissional. (SANTOS, 2012, p. 7).

Ainda nesse sentido:

Em nenhum momento, porém, há um detalhamento sobre os elementos que constituem essa dimensão a serem priorizados nos programas das disciplinas, como, por exemplo, se estão sendo incluídos os instrumentos e técnicas e, em caso afirmativo, quais são os instrumentos de nossa tradição, os emergentes e como operacioná-los. (SANTOS, 2012, p. 8).

Faleiros (2000, p. 69) nos faz repensar as particularidades do projeto de revisão

curricular, quando cita:

Os tópicos de estudo (ementas) das Diretrizes Curriculares não abordam, de forma consistente, a questão da intervenção profissional, entendendo as estratégias profissionais e o instrumental operativo apenas na frase: ‘o assistente social como trabalhador, as estratégias profissionais, o instrumental técnico-operativo e o produto de seu trabalho’. Nem parece tratar-se de um currículo de assistente social. (FALEIROS, 2000, p. 69)

Koike (1996, p. 110) também indica os traços teoricistas que acompanham (acompanham) a formação profissional, como algo a ser revisto, no sentido de superação do distanciamento entre labor teórico intelectual e exercício profissional cotidiano, ou seja, o rigor teórico-metodológico se mantém junto a dinâmica da sociedade, agregando valor à dimensão interventiva da profissão.

Guerra (2003, p. 207) diz que a lógica que norteia as diretrizes curriculares fazem com que não haja lacunas entre formação e atuação, entre teoria e prática.

Todos estes elementos devem ser considerados, pois imprescindíveis para que seja possível trabalhar com a realidade, partindo de uma concepção de totalidade social em seus âmbitos de universalidade, particularidade e singularidade, como reflexo da primeira (totalidade). Isso só será possível quando a formação profissional criar uma cultura que valorize todas as dimensões de forma igualitária.

As novas diretrizes curriculares privilegiam e lançam o desafio de avançar nas dimensões investigativa e técnico-operativa por entender que estas materializam as estratégias do trabalho profissional. Porém, é sabido que para superar tais desafios, a categoria necessita preliminarmente, encarar os limites institucionais, sócio-políticos e financeiros impostos por um mundo globalizado, mais do que isso, incorporar a essência das diretrizes na formação profissional e na direção social almejada, para que haja o fortalecimento do trabalho profissional junto à sociedade.

5. CONSIDERAÇÕES/APONTAMENTOS REFRENTES ÀS AUTORAS E DIRETRIZES CURRICULARES

Inicialmente faremos as considerações do que a autora Guerra (1997; 2007; 2014) nos traz a respeito das dicotomias entre a relação teoria e prática, a partir dos estudos feitos na primeira seção. Entendemos como significativos alguns fatores como: 1. Perspectiva de totalidade; 2. Formação; 3. Perspectiva de atuação; 4. Ensino teórico-prático. Em seguida, destacamos o pensamento da autora Santos, no tocante a: 1. Relação teórica e prática; 2. Instrumentos e técnicas.

Em face do exposto, concluímos que a autora Guerra antes de abordar diretamente as dicotomias existentes entre a teoria e a prática, faz uma análise abrangente (Fator 1- Perspectiva de totalidade), no sentido de levar em consideração todos os elementos que tenham relação direta ou indireta com essas duas dimensões (técnica e teórica), como sejam os processos sócio históricos, econômicos, culturais, os agentes envolvidos, que compõem e participam da dinâmica da sociedade. Entendemos sociedade como um espaço constituído por pessoas, ligadas por relações sociais, culturais, guiadas por práticas, costumes, leis, segmentada por classes sociais e que principalmente, se transforma e é transformada, ou seja, esse movimento faz com que as mudanças ocorram nos indivíduos, no tempo e espaço.

Assim há momentos que a autora reconhece as tensões entre a teoria e a prática, e que estas tensões advêm desse conjunto interligado de relações.

Reconhecemos que seus apontamentos são de grande valia, pois nos apresentam uma gama de fatores que influenciam e muitas vezes determinam as ações profissionais do assistente social, algo que não seria fácil de perceber com tamanha clareza.

Um exemplo a ser dado, é a formação (Fator 2 - Formação) direcionada aos moldes de mercado, cujo futuro profissional é preparado para atuar de maneira superficial e imediatista, operando de forma mecânica e focalizada, sob a influência da razão formal abstrata.

Outro destaque dado por ela é a compreensão da necessidade de uma atuação (Fator 3- Perspectiva de atuação) que se baseie nos conceitos sócio-históricos, princípios ético-políticos, e projeto profissional, para ajudar a superar a fragmentação da análise da realidade.

Menciona também a necessidade de cumprimento de requisitos pelo profissional, ou melhor, conhecimentos como: “fundamentos teórico-metodológicos e saberes interventivos”, porém, não aborda e nem versa sobre os saberes interventivos.

Explica que, sem base teórica fica muito difícil a compreensão da totalidade dos processos, pois o cotidiano por mais rico que seja, não permite ir além, é limitado e limitante, limitado porque não revela todo seu universo, e limitante porque não permite que o assistente social vá além da aparência somente pela observação, devendo este buscar métodos, instrumentos e práticas que lhe permitam apreender mais que dados superficiais.

Guerra (2013, p. 16) pondera a necessidade de saberes teóricos e práticos, sem que nem um e nem outro seja privilegiado: “necessita de um conjunto de pressupostos e orientações não apenas de natureza teórica, mas, também baseado em outros tipos de saberes instrumentais e na experiência, que nem pode ser descartada tampouco venerada”.

Mesmo reconhecendo que conhecimentos teóricos e técnicos têm o mesmo peso, em grande parte de suas obras deixa evidente sua predileção (se é que podemos assim dizer), pela dimensão teórica, por demonstrar entender, que essa dimensão constitui as dimensões técnica-operativa demais dimensões e também por ser a dimensão teórico metodológica responsável pelo grau de conhecimento das demais dimensões.

A autora considera que há uma diferenciação entre o ensino teórico e prático (Fator 4 - Ensino teórico-prático), onde o segundo encontra-se inferiorizado em relação ao primeiro, muitas vezes em função do medo de retorno ao tecnicismo, pois na academia confirma-se essa diferenciação, prejudicando assim a formação.

Isso pode indicar que o teorismo, ou seja, o rigoroso trato teórico-metodológico, possa estar plantando suas raízes no campo da formação e implicando negativamente a posição e compreensão do como “agir” do futuro profissional quando inserido no mercado de trabalho.

Isso não significa dizer que o ensino da prática se limite ao uso de instrumentos e modelos de técnicas de intervenção, mas que minimamente estes possam ser abordados e reconhecidos como ferramentas do trabalho profissional sem que isso reduza o valor desse conhecimento técnico.

Contudo a autora oportuniza ampliar os horizontes da compreensão sobre as diversas variáveis presentes na relação teoria e prática, permitindo conhecer outras vertentes dessa imbricação, alguns motivos e limites - corroborando com a realidade vivenciada na academia.

Quanto à autora Santos (2008; 2009; 2012;2016) esta incita a reflexão dessa relação - (Fator 1- Relação teórica e prática) em momentos distintos, ora estabelecendo conexões, ora requerendo independência/autonomia, (nem que seja relativa/provisória).

Assim a teoria facilita a percepção e análise das relações sociais, das totalidades

envolvidas nos processos, e ao mesmo tempo estabelece conexões necessárias para a atuação profissional, permitindo o alcance das finalidades desejadas.

Quando fala sobre ‘autonomia’ relativa/provisória da dimensão técnico-operativa (Fator 2 - Instrumentos e técnicas), - (que é requerida quando o profissional precisa intervir diretamente na realidade através dos instrumentos e técnicas, mesmo dominando o arcabouço teórico e ético da profissão), faz pensar que realmente são dois momentos distintos e preciosos, pois no momento da intervenção propriamente dita, por mais presentes que estejam as demais dimensões, ficam num ‘segundo plano’.

Entende que a teoria é indispensável tanto para a formação quanto para a atuação, pois é ela quem dá as bases e orientações para se pensar o ‘fazer profissional’ “o que fazer”, “para que fazer”, “por que fazer”, entretanto afirma que o “como fazer” é uma categoria que precisa além da teoria, e de outros elementos que permitam essa capacitação específica. Porque a teoria por si só, não é capaz de habilitar instantaneamente para a ação.

A autora constata que as dimensões, apesar de estarem reconhecidamente no mesmo grau de importância tanto pelos autores, profissionais, quanto pelo currículo do curso, algumas vezes se evidencia na academia a negligência da abordagem da dimensão técnico-operativa, e o prestígio das dimensões teórico-metodológica e ético-política. Nas suas palavras “a formação profissional tem sido muito generalista, de caráter crítico, mas pouco instrumentalizadora”. (SANTOS, 2003, p. 23)

São reconhecidos os limites a serem superados no tocante ao ensino da prática (Fator 2- Instrumentos e técnicas), como a falta de clareza e incorporação desse ensino ao processo de formação; desmistificação quanto ao reducionismo da prática enquanto atividade intelectual, pouco investimento na bibliografia específica do instrumental técnico da profissão, busca por métodos que permitam a aprendizagem, pouco acesso à manipulação dos instrumentos tradicionais e desenvolvimento de novas técnicas de intervenção, entre outros.

Entretanto a superação dos desafios só poderá ocorrer quando a categoria e todos os envolvidos no processo de formação e atuação, se propuserem inicialmente debater para suplantarem esse tema.

Considero, todavia, que esse salto somente poderá ser plenamente atingido quando, de fato, a profissão enfrentar essa dimensão, detendo-se na operacionalização dos instrumentos e técnicas da intervenção profissional, e não apenas explicitando a subordinação destes à dimensão teórico e ético-política, apesar de reconhecer que tal compreensão foi um grande avanço no debate sobre a intervenção profissional. (SANTOS, 2008, p. 229)

Assim percebe-se que a autora aprofunda a discussão entre teoria e prática dentro

da realidade acadêmica e profissional, e utiliza pesquisas como a pesquisa - “Estado da Arte sobre as Diretrizes Curriculares de 1996”, desenvolvida pela ABEPSS, nas gestões 2005/2006 e 2007/2008, que trata a questão “Transformações societárias e o projeto de formação profissional do Serviço Social: desafios para a implantação das Diretrizes Curriculares” para compreender e explicar quais outros motivos que levam às tensões e dicotomias entre as duas dimensões.

Também sugere o debate da questão dos instrumentos e da adequação destes à teoria como forma de equalizar e capacitar os estudantes à sua utilização, acreditando que possa estimular ‘pensar novos métodos’ de abordagem profissional, frente às demandas, cada vez mais complexas e intangíveis.

Diante dos apontamentos e análise de Guerra (1997; 2000; 2003; 2007; 2010; 2013; 2014; 2015 e Santos (2005; 2009; 2011;2012; 20113; 2016), também das Diretrizes Curriculares verifica-se elementos tanto nas falas das autoras, quanto nas Diretrizes, demonstrando que estas últimas são fundamentais para a formação profissional, e também guia para uma atuação de acordo com o projeto ético político da categoria.

Assim, é consenso entre ambas, o entendimento da formação com base teórica crítica, balizada por conhecimentos da questão social, do trabalho profissional e da universidade brasileira posta, e indispensável o reconhecimento de tempo, espaço, e sociedade na qual o futuro profissional será inserido e irá intervir seja feito de forma crítica e analítica.

Outro elemento trazido pela leitura dos materiais utilizados, trata a importância da compreensão das dimensões intrínsecas ao fazer profissional, ou seja, a condução e aplicação do estudo destas dimensões precisam ser observados, visto as diretrizes indicarem o ‘grau de horizontalidade entre elas’. Porém, muito bem apontado por elas, há diferenciação na abordagem e aplicação do estudo destas dimensões na academia, indicando sinal de alerta.

As dicotomias apresentadas pelas autoras na relação teoria e prática advêm de uma série de entendimentos e/ou incompreensões por elas trazidas como, a incompreensão de que a realidade é mais dinâmica do que a teoria que trata desta mesma realidade, e por isso não seja possível adaptar uma à outra como se estivessem prontas e acabadas; que a teoria serve para iluminar os procedimentos/técnicas do fazer profissional e não como um manual a ser seguido, que são dimensões que se complementam - ‘unidade na diversidade’, enfim, essas percepções nos permitem compreender a aliança entre estas dimensões, antes de questionar suas possibilidades.

Quando entendemos a teoria como componente fundamental para a compreensão do objeto da ação profissional e uso dos instrumentos e técnicas, não é preciso justificar essa

importância todas as vezes que vamos nos referir ao instrumental técnico, pois acreditamos já estar superado este entendimento.

A preocupação trazida em suas obras, porém mais aprofundada por Guerra no tocante a complexidade da análise da realidade, e permite vislumbrar a real importância do conhecimento teórico contundente, não só dos pressupostos da profissão, mas também das relações sociais, culturais, financeiras, institucionais, visto influenciarem direta e/ou indiretamente na ação profissional.

Destacamos a necessidade de congruência com o que predispõe as Diretrizes Curriculares e projeto profissional, a fim de que imprecisões na formação sejam revistas e modificadas.

Por fim consideramos que o estudo do arsenal técnico é indispensável para que minimamente se conheça as ferramentas de intervenção normalmente utilizadas pelo Serviço Social, pois dessa forma, dá-se também iniciativa para a criação de novos dispositivos e metodologias de trabalho. Concordamos com Santos quando considera que o estudo dos instrumentos e técnicas não desqualifica o profissional, e nem faz um retorno ao modelo tecnicista, mas sim possibilita relacionar a teoria aos procedimentos práticos.

6. GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DAS ÚLTIMAS FASES DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFSC

A presente pesquisa tem se propõe a avaliar qualitativamente os dados e utiliza a técnica de grupo focal para subsídio de análise deste trabalho. Formamos dois grupos em que os participantes escolhidos foram estudantes das fases finais do curso de Serviço Social da UFSC, por entender que estes teriam maior propensão de analisar seu(s) processo(s) de formação.

6.1 Metodologia da pesquisa

Utilizamos a abordagem qualitativa para que a análise da presente pesquisa pudesse se desenvolver a partir do conjunto de significados e vivências humanas, neste caso, fazendo um recorte das percepções/opiniões dos estudantes das fases finais do curso de Serviço Social da UFSC.

Sobre a pesquisa qualitativa Minayo (2011, p. 21) diz que esse tipo de pesquisa “responde a questões muito particulares”, pois se baseia no conjunto de fenômenos humanos que fazem parte da realidade social e das “ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada”.

A respeito da técnica de grupo focal, Tanaka e Melo (2001, p. 2) nos trazem o seguinte: “ é uma técnica de pesquisa ou de avaliação qualitativa, não-diretiva, que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico sugerido pelo pesquisador”.

Kinalski et al (2016, p. 444) informam que:

Grupos operativos são caracterizados como técnica não diretiva, para transformar uma situação de grupo em um campo de investigação-ativa. O grupo é definido como “conjunto restrito de pessoas, ligadas por constantes de tempo e espaço e articuladas por mútua representação interna, que se propõe, de forma explícita ou implícita, uma tarefa que constitui sua finalidade.

Esse recurso foi escolhido por permitir uma discussão aberta e franca a respeito das opiniões e posicionamentos dos(as) estudantes sobre a forma de abordagem do ensino das dimensões que compõe o fazer profissional, ou seja, dimensões teórica, técnica e ética, (porém aqui, nosso enfoque será nas duas primeiras, em função do objeto da pesquisa).

Os grupos focais permitiram aprofundar o conhecimento de, como essas dimensões – teórico-metodológica e técnico-operativa se apresentam na formação, ou seja,

com muito rigor teórico-metodológico e pouco (quase nada) técnico-operativo no sentido de análise concreta dos instrumentos e técnicas inerentes ao fazer profissional.

Utilizou-se a observação participante, como meio de condução da discussão entre os grupos e análise do processo de conversação. Minayo (1993, p. 600) revela a importância da observação participante, por permitir que o pesquisador obtenha informações e situações que não seriam captadas por meio de perguntas diretas, ou seja, “observados diretamente na própria realidade, e transmitem o que há de mais imponderável e evasivo na vida real”.

Para a formação dos grupos, teve-se o cuidado de fazer o convite a cada estudante de maneira individual e exclusiva, através de mensagem de celular, a fim de dar credibilidade/ seriedade ao assunto e ao mesmo tempo, envolvê-los no tema, que é tão pertencente a eles (ou deveria ser) quanto a mim.

Agendou-se duas datas distintas para os encontros, com o intuito de uma adesão/participação maior, porque nesse período em que todos estão focados em seus próprios trabalhos de final de curso, fica mais difícil a presença massiva. Porém, mesmo com estas dificuldades, obteve-se êxito na formação destes grupos e buscou-se extrair o máximo de informações/conteúdos/opiniões dos estudantes.

Os estudantes não foram identificados. Utilizou-se denominações distintas para cada integrante dos grupos focais. O primeiro grupo teve os nomes dos sujeitos substituídos pelos meses do ano, pois entendemos que cada mês traz consigo - singularidade e pertencimento a um tipo de estação; tal qual os alunos, constituídos por suas individualidades e unidos (pertencentes) aos seus pares.

Já o segundo grupo teve o nome dos integrantes substituídos pelos Números Reais, o motivo da escolha se ancora no fato de o conjunto de números reais ser formado pela união entre os números racionais e irracionais, e a partir destes, uma gama de outros conjuntos numéricos, tal qual nós, enquanto indivíduos complexos.

As reuniões ocorreram na sala do Gepss (Grupo de Estudos e Pesquisas em Serviço Social), no CSE (Centro Sócio Econômico) da UFSC. Tiveram a duração de 45 minutos a 1h:15 minutos em média. Foi solicitado no início de cada encontro, que as colocações deveriam seguir o foco gerador do debate, ou seja, sua compreensão/análise a respeito do ensino das dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa, com clareza para um melhor aproveitamento e envolvimento dos próprios estudantes.

Utilizaram-se os seguintes materiais de apoio: gravador de voz⁵ para posterior

⁵ - A gravação foi autorizada mediante termo de consentimento fornecido pela instituição, vide Anexo 1.

transcrição das falas e caderno de anotações.

A dinâmica do trabalho se deu com o repasse das seguintes informações: 1- Agradecimentos; 2- Explicação sobre o motivo da reunião; 3- Explicação sobre a destinação e uso dos dados obtidos, também da garantia do Sigilo Profissional; 4- Explicação sobre o que é 'grupo focal'; 5- Definição de Regras para o Melhor Aproveitamento do Tempo; 6- Coleta das Assinaturas de Autorização de Gravação e Uso de Áudio/Imagem; 7- Questionamento ao grupo se haveria alguma dúvida e/ou colocação a ser feita. Sem dúvidas ou colocações, foi iniciado o debate, informando que o lanche ficaria disponível durante toda a reunião, visto a mesma estar programada para um espaço de tempo que variava entre 45 minutos e 1 hora.

Os questionamentos ao(s) grupo(s) foram:

- Teoria e prática são elementos que compõem duas das dimensões do Serviço Social. Como vocês avaliam a abordagem dada pelo corpo docente a cada dimensão durante a formação de vocês?

- Como vocês avaliam o conhecimento de vocês com relação a entrevista, parecer social e outros instrumentos utilizados pelo Serviço Social?

- Durante a formação vocês perceberam que a teoria estava excessiva, ou nunca pensaram nisso, ainda - vocês acham que a quantidade de leitura é condizente com o que estão aprendendo efetivamente na prática? Dentro do campo de estágio ou durante a formação, algum professor tocou nesse assunto de teoria e prática?

A princípio por questão de coerência e isonomia pretendia-se fazer os mesmos questionamentos para ambos os grupos, porém, a participação mais ativa e incisiva do segundo grupo, fez com que seus integrantes já lançassem no debate algumas perguntas com conteúdo semelhante àquele produzido anteriormente, fazendo-nos substituir tais questões por outras. Por esse motivo, não foi possível manter as mesmas indagações entre os grupos, porém buscou-se preservar a mesma estrutura entre as perguntas. Abaixo as questões lançadas ao segundo grupo focal:

- Teoria e prática são elementos que compõem duas das dimensões do Serviço Social. Como vocês avaliam a abordagem dada pelo corpo docente a cada dimensão durante a formação de vocês?

- Vocês acham que existe uma tensão entre essas duas dimensões entre a teoria e prática?

- Como vocês se avaliam, vocês dominam uma Entrevista, um parecer social, uma Análise... os recursos que o Serviço Social utiliza, o instrumental técnico mesmo, vocês se acham aptos a utilizar?

Foram considerados seus pontos de vista a respeito da abordagem dos docentes em relação ao ensino das dimensões que compõem o Serviço Social, em especial ao manuseio do instrumental técnico do curso. Também foram avaliadas as opiniões a respeito da importância (ou não) de conhecimentos técnicos e/ou instrumentais na formação.

7. EXPOSIÇÃO DOS DADOS DO PRIMEIRO GRUPO FOCAL

As informações obtidas e ora expostas, foram analisadas a partir do debate e diálogo dos Grupos focais e também das obras utilizadas para a confecção deste trabalho de conclusão de curso, ou seja, literatura de Guerra, Santos e Diretrizes Curriculares.

Diante dos temas geradores será apresentados trechos das falas e posicionamentos do sujeitos do primeiro grupo focal, lembrando que o olhar não está direcionado para o indivíduo, apesar de trazer seu posicionamento à tona, mas sim conectado à dimensão do coletivo, do qual este fez parte naquele momento.

7.1 Primeiro tema gerador em formato de questionamento:

Teoria e prática são elementos que compõem duas das dimensões do Serviço Social. Como vocês avaliam a abordagem dada pelo corpo docente a cada dimensão durante a formação de vocês?

Janeiro respondeu: “eu percebo que todo corpo docente insiste muito na metodologia que é mais importante é o principal (e ela afirma que realmente é, senão não estariam aqui) mas acho que deixa muito a desejar esse outro lado (se referindo a prática) porque a prática não é tão exaltada como a metodologia, não é gente! não é ! Eu como estudante, tenho esse déficit, eu acho que a gente está muito perdido na hora que somos inseridos no campo de estágio. Aí vem a pergunta: e agora?”

Fevereiro: “Vocês me corrijam se eu estiver errada, a meu ver a inserção no campo de estágio é muito tardia, a gente chega ao campo de estágio, assim, praticamente com o pé na formatura e chega desesperada. Eu acredito que para chegar nesse nível (da prática) a gente tem que ter uma carga teórica mínima, mas isso a gente já tem desde que quando coloca o pé no curso, temos um embasamento teórico bem legal, só que quando entramos no estágio (prática) não quer dizer que não temos que estudar mais, pelo contrário!

Março: “eu concordo com tudo que a fulana falou, eu tive muita dificuldade quando fui para o estágio até eu tive muita dificuldade com minha própria supervisora, porque, assim, eu via meu campo de estágio como jogado. Uma vez a professora (coordenadora de estágio à época) foi lá e a própria supervisora (de campo) falou para ela que eu e a minha colega de estágio, a gente veio crua para o estágio. Ela falou isso para (coordenadora de estágio), **que a gente veio crua, ou seja, não sabia nada!** Ela (supervisora) pegou muito no meu pé, ameaçou a nos tirar do estágio, então assim, foi um negócio bem complicado que aconteceu.”

Abril: “eu ia colocar assim, acho justamente errado isso, sobrepor uma dimensão à outra, porque eu acho (dimensão) teórico metodológica tão importante quanto a técnico-operativa, porque eu acho que a dimensão teórico-metodológica é a que dá luz a (dimensão) técnico-operativa na medida em que por exemplo, eu for fazer uma entrevista com alguém, todos os parâmetros, toda teoria que na verdade são reflexões teóricas da própria realidade, a teoria vai me ajudar a não fazer uma entrevista cheia de preconceitos né, carregadas dessas coisas negativas. No campo de estágio, - que eu vi que o pessoal tá trazendo né- eu também senti muita falta do conhecimento prático, saber operar mesmo, porque a minha supervisora me mandava que fizesse Entrevista com os usuários e até uma simples ligação para um CRAS ou outro serviço, e eu vi que não era só assim fazer uma ligação, não era uma coisa simples, mas que para o Serviço Social tem toda uma especificidade que vai dar um significado diferente para aquela ligação. Aquela coisa, não é todo profissional que faz uma ligação para o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) para fazer o encaminhamento... (inaudível)... é uma especificidade da nossa profissão, do encaminhamento, da sensibilidade para falar daquela situação, descrever um Estudo Dirigido, o que que eu vou colocar? que a mãe é uma *vagabunda* que não faz nada ou que a mãe sofre um processo de violência etc. e tal... Então por isso essas dimensões tem que ser juntas e até acho que na última aula da disciplina de instrumentalidade, a gente tava conversando no grupinho para debater o texto, e a gente lembrou como é bacana quando as disciplinas antes mesmo do estágio, fazem essa aproximação com o campo.” “... não sei se adiantar o período de estágio seria a solução, mas talvez investir mais na nossa aproximação com os campos de atuação com visita institucional, Entrevista com profissional, até a disciplina de Introdução ao Estágio é muito legal, mas eu não sei se eu faria naquele formato, sei lá meio infantil”.

Maior: “Bom eu concordo com tudo que a fulana falou, acho que a teoria é fundamental, e é justamente por isso, para não chegar lá (se referindo ao campo de estágio) e fazer uma entrevista tipo moralizadora, que julgue, e por isso eu não acredito que deva entrar no campo de estágio antes. A prática é deficitária na formação e isso eu acho que todo mundo já falou aqui, mas antes (se referindo ao fato de iniciar o estágio no início do curso) pode implicar nisso, uma vertente moralizadora; não saber tratar com aquela pessoa; etc... eu quando fui fazer uma entrevista sozinha no meu estágio, fiquei muito nervosa porque isso significa que tá faltando a prática, mas ao mesmo tempo, muito mais cedo, talvez piorasse essa minha abordagem. Como aconteceu no estágio da fulana, se ela entrasse lá mais jovem, talvez isso piorasse, talvez ela acatasse mais o que a supervisora dissesse, se não tivesse uma base crítica para contestar”.

Junho: eu acho que falta muita coisa ainda e a gente tem muitos professores que simplesmente *vomitam* as coisas na gente, *vomitam* textos e eles só querem que a gente leia.” E continuou: “tem professores que se destacam, tem professores que realmente estão ali e querem que tu sinta na prática. Muitas vezes também a gente tem casos de professores que fazem Oficinas de Visita Domiciliar, Oficinas de Documentação. Então eu acho que talvez a prática junto com a teoria seria justamente isso, colocar os textos, trazer a teoria, mas juntar com as oficinas, não que a gente precisasse ir para campo de estágio mais cedo, mas que a gente fizesse as oficinas, por exemplo: nossa aula hoje vai ser uma oficina de visita domiciliar, então vocês vão ler o texto, vão me trazer as dúvidas e a gente vai fazer uma aula nesse formato, ou então uma oficina de relatório geral ou de documentação, sei lá, parecer social, quantas pessoas não sabem fazer parecer social”.

Julho: “bom em relação aos textos e além de tudo são muito repetitivos, eles não se comunicam entre eles - os professores - para dizer: - não esse texto já trabalhei foca então em outro capítulo, ou sei lá, eu ainda acho que ainda fica muito repetitivo os textos, vários a gente já leu repetido, e sobre a minha experiência no meu campo de estágio eu acho que não tive prática.”

7.2 Segundo tema gerador em formato de questionamento:

“Como vocês avaliam o conhecimento de vocês com relação à entrevista, parecer social”?

Questionou-se outros instrumentos utilizados pelo Serviço Social. Foi suscitado o genograma. O grupo demonstrou desconhecimento, e foi perguntado se elas sabiam fazer um parecer social e se dominavam os instrumentos que a profissão normalmente utiliza. Nisso, grupo citou o diário de campo (nessa hora houve tumulto e indignação).

Agosto então falou: “eu fiz visita institucional, é o que eu posso dizer que eu fiz” Nesse momento houve alvoroço, pois o grupo demonstrou não dominar e não lembrar que instrumentos eles puseram em prática.

Maior falou: “eu fiz duas visitas domiciliares que me lembre, fiz parecer, o supervisor fez e eu estive ao lado. Se ano que vem eu passar na residência, eu vou ser julgada por isso, porque de certa forma tu vai descobrir fazendo, porque na graduação nunca ninguém parou para me falar - agora vamos colocar uma situação no quadro e agora faça um parecer social. Essa situação (se referindo a simulações) nunca aconteceu, não me recordo.”

Setembro: Essa estudante não respondeu diretamente a pergunta, mas deu

algumas ideias de como melhorar a aplicação das disciplinas teóricas e técnicas. Indicando “uma coisa mais enxuta no começo” Gestão e Análise Institucional (completa) para o final, já que no estágio três haveria mais clareza / compreensão sobre o campo de estágio, diminuindo assim o estresse que essa disciplina traz logo no início. Ainda afirmou que não dispensaria totalmente a disciplina no início do curso, pois é necessária para o próprio conhecimento do campo em que está sendo inserida, porém sem tanta ‘cobrança’. Também se posicionou a favor de conhecer outros campos de estágio: “eu concordo plenamente com essa questão de ter várias experiências pois ajuda a pessoa a construir conhecimentos”.

Fevereiro falou: “ outro dia conversando com uma professora, eu disse: acho que a disciplina de Fundamentos é muito boa Ok, mas ela não precisava ser dividida em três fases, o que poderia se fazer, voltando para a prática gente, Instrumentalidade tinha que ter um, dois ou três (semestres) porque tu vai aprender no “um” (se referindo ao primeiro semestre) toda parte teórica, no “dois” (se referindo ao segundo semestre) tu ‘vais’ começar a praticar na sala de aula, vamos praticar, vamos fazer Parecer, trazer um caso, vamos praticar, não precisava nem ser oficina, e no “terceiro” (se referindo ao terceiro semestre) você vai estar dando aula de Instrumentalidade. Só que daí a gente tem três fases de Fundamentos, a meu ver acho que uma fase bem dada consiga suprir todas as outras duas, e ao contrário, a Instrumentalidade que realmente é a disciplina que tu vai usar na prática, é a disciplina que estará mais próxima de ti, tu vê muito rapidamente”.

Novamente foi necessário intervir, solicitando a não dispersão do grupo (houve risos).

7.3 Terceiro tema gerador em formato de questionamento:

“Durante a formação vocês perceberam que a teoria estava excessiva, ou nunca pensaram nisso, ainda - vocês acham que a quantidade de leitura é condizente com o que estão aprendendo efetivamente na prática? Dentro do campo de estágio ou durante a formação, algum professor tocou nesse assunto de teoria e prática?”

O grupo novamente retomou o estágio como ponto de crítica, não vislumbrou a relação teoria e prática diretamente, mas sim as experiências frustradas do próprio estágio, por mais que eu buscase interferir e desvincular esse assunto, o grupo insistia em permanecer nessa temática, talvez por entenderem esse espaço (do estágio) como ponto de referência para a ‘aplicação da teoria na prática’, ou seja, críticas aos campos de estágio, exemplos de atividades nesses espaços onde há descontentamentos, inclusive com o fato de não ser visto na

academia os aspectos práticos da profissão, e a falta de disciplinas que contemplem ‘estatística’ por exemplo, pois acreditam que essa ‘matéria’ ampliaria o horizonte do próprio campo profissional. Clara demonstração de descontentamento do grupo em geral.

Citaram outro fator que influencia a formação, qual seja, a falta de professores que tiveram vivência/experiência fora da academia, alegando a diferença de abordagem e metodologia. Ainda nesse sentido, os assombra a quantidade de professores substitutos, muitas vezes sem doutorado, novamente o grupo demonstrou preocupação no tocante a própria formação dos professores substitutos do curso.

Fevereiro então fez a crítica por ter sido cobrada no campo de estágio a elaboração de uma ‘ata’ e de um ‘parecer social’ e ao apresentar os mesmos, ter sido questionada: “tu não viu isso na academia?” Nesse momento o grupo riu e expressou sentir a mesma inabilidade da colega.

Outubro: “Eu acho que fica muito na história do Serviço Social e a gente não anda para frente, a matéria de assistência *meu*, um semestre só da matéria de assistência é muito pouco, a gente não vê nada e quando eu fui inserida no meu campo de estágio, realmente que nem a fulana falou, eu tive que fazer muitas leituras da política, de tudo e rever tudo isso. E daí tem *que fazer uma ata* - nossa eu não sei fazer uma Ata! Daí eu fico me culpando e tipo, será que isso acontece comigo, esse problema é só meu? Daí vai aprendendo no campo de estágio. Sem falar que quando a gente é inserida no campo de estágio, na prática parece que as leituras ficam muito mais fáceis quando a gente está fazendo, gente é muito melhor”.

Outubro: “Eu acho fantástica a fala de vocês, acho que eu sou a única que ainda não passou pelo estágio, Jesus me deixaram apavorada aqui, mas assim, realmente já estou desesperada, concordo com todas vocês, eu estou entrando desesperada no campo, porque a gente não sabe qual que é a realidade que a gente vai encontrar, realmente a gente não aprendeu parecer a gente não aprendeu relatório a gente não aprendeu nenhum dos instrumentos que a gente deveria aprender”.

Diante disto a reunião foi finalizada e ao transcrevê-la observou-se diversas dificuldades individuais e coletivas no tocante a relação teoria e prática, e também na formação como um todo.

Importante destacar que dos onze estudantes que participaram da reunião, um(a) não respondeu objetivamente às perguntas, se reportando insistentemente aos problemas dos três campos de estágio o qual passou, por esse motivo não foi computado mais um “mês do ano”, restando o total de respostas em dez.

8. EXPOSIÇÃO DOS DADOS DO SEGUNDO GRUPO FOCAL

Diante dos temas geradores apresentamos trechos das falas e posicionamentos da(os) alunas(os) do segundo grupo focal, lembrando que a intenção da reunião não está direcionada para o indivíduo, apesar de trazer seu posicionamento à tona, mas sim a conexão coletiva, do qual este fez parte naquele momento.

8.1 Primeiro tema gerador em formato de questionamento:

Teoria e prática são elementos que compõem duas das dimensões do Serviço Social. Como vocês avaliam a abordagem dada pelo corpo docente a cada dimensão durante a formação de vocês?

“Número Um”: “acho que é uma unanimidade, todo mundo sente um pouco de falta do ensino da prática na faculdade, a gente aprende muito da teoria, - que é fundamental- mas a gente sente falta de ter um preparo, até para quando vai para o campo de estágio, e às vezes chega muito insegura. No primeiro semestre no campo de estágio, a gente fica ali só olhando, até se sentir confortável para tomar uma atitude, demora né! E isso poderia ter um respaldo maior no curso mesmo.”

Número Dois: “no meu pensar, a prática realmente a gente só vê no campo de estágio, e, dependendo do campo de estágio, porque dependendo onde o estagiário está fazendo o processo de ensino-aprendizagem, não sei aqui se todos, mas talvez alguns poucos, (a pessoa lançou uma pergunta:) - alguém aqui sabe fazer um estudo social?”

Naquele momento todos se olharam de forma espantada demonstrando um pouco de vergonha, falaram um tom baixo que não sabiam fazer. A pessoa então continuou: “e nós estamos *quase quase* no final” -se referindo ao curso, e continuou:- e o estudo social é uma das atribuições mais utilizadas pelo Assistente Social. Então como vamos sair daqui da Universidade Assistentes Sociais, sem saber o que é, ou como fazer um estudo social? O que a gente só vê infelizmente, na disciplina de Instrumentalidade - em um semestre - o que seria bem raso, bem brando, não foi nada assim aprofundado, não houve um exercício de prática na sala de aula, e aí, cadê o técnico operativo?” (expondo a falta de conteúdo prático da disciplina de Instrumentalidade, ligada diretamente à dimensão técnico-operativa).

Em seguida a pessoa lançou outra pergunta: “Uma entrevista, alguém saberia fazer uma entrevista sozinho? Vai sair sabendo fazer uma entrevista sozinho? Pode ser que sim, por ter observado o/a Assistente Social ou Supervisor(a) fazer, mas será que vai ter toda a questão de passar para o próprio usuário o direito que ele tem, do sigilo, de querer expor ou

não? (Se referindo às questões técnicas e éticas da profissão). “sabe, acho que essa parte da operacionalidade, da prática mesmo, fica bem aquém, na minha opinião, no meu ver.”

“**Número Três**” então fez uma colocação em formato de pergunta: “a gente tem uma disciplina né, que fala da Instrumentalidade, mas que acaba e não aprofunda, porque acaba sendo muito teórica, ficando só na sala de aula.”

Ao fundo as pessoas falaram: “muita teoria”.

“**Número Dois**” então disse: “realmente não há uma prática, não há um exercício de prática, talvez se houvesse Instrumentalidade I e II como há Fundamentos I, II e III, talvez *nessa 2* (referindo-se a segunda etapa dessa disciplina) talvez houvesse alguma oficina desse tipo.” “**Número Quatro**”: “os professores têm um discurso de que a teoria tem que andar com a prática, essa conexão, mas, por exemplo, na disciplina de Estágio eu li sobre metodologia, um texto sobre visita domiciliar, **foi a única coisa que eu aprendi *entre aspas* a fazer**, tipo, estudo social, foi porque li no estágio, entende? Eu vejo que os professores carecem do discurso de “como fazer” mesmo.”

“**Número Três**” ao fundo falou: “porque acaba ficando muito teórico, e aí quando a gente chega no campo, nem todo Assistente Social usa o parecer, ou faz entrevista, muitas vezes faz registro normal, faz um parecer mais simples, e acaba que a gente sai (da fase de estágio) sem saber fazer!”.

Diante desse relato, há indicação de que nem sempre o campo de estágio irá oferecer uma aprendizagem prática dos instrumentos normalmente utilizados pela profissão, devendo este ensino ficar a cargo da universidade, ou seja, responsável por transmitir esse conhecimento mais abrangente e detalhado.

“**Número cinco**”: “Desde o primeiro semestre na Grade Curricular eu enxerguei que até a quarta-fase, nem teoria sobre a prática a gente tinha, era mais uma base.

Alguém falou ao fundo: “exatamente isso”

“**Numero cinco**” continua: “é necessário, a gente vê que é importante a base histórica dos fundamentos, dos autores, das ideologias e tal, é necessária, mas, onde que a gente enxerga a prática aí? Eu escutei uma coisa muito interessante essa semana na aula, em que houve uma discussão em sala, onde os alunos pediam pelo ensino da prática e **a professora falou: - o curso de Serviço Social não é técnico! Não é um curso técnico!** “E isso me chamou muito a atenção”.

O grupo na sua totalidade expressou incômodo com o posicionamento da tal professora. Ao fundo, os estudantes discordaram dessa fala em forma de gestos, risadas irônicas e palavras.

“**Numero cinco**” continua [...]o curso é em um tempo curto, mas a questão da prática pega muito, porque como profissão interventiva, lá na atuação, a gente vai utilizar muito, e não ter isso no ensino e na grade curricular, afeta inclusive na heterogeneidade dos Assistentes Sociais (se referindo ao modo como os instrumentos são utilizados, ou seja, de diversas maneiras, sem um padrão mínimo). “porque a gente vê Assistente Social fazendo estudo social de diversas formas, relatórios de diversas formas, é algo que ele teve que aprender por si só, é algo que ele teve que buscar e alguns não querem buscar, e a gente sabe que tem todas as outras problemáticas enfim”.

“**Número Dois**” lançou outra pergunta: “e quem é o prejudicado?” O grupo respondeu em consonância respondeu: “é usuário”. “Numero Dois” continuou: “porque se você faz um estudo social mal redigido, ali está o seu posicionamento, e ali está se decidindo vidas, guardas, interdições, curatelas, uma infinidade de assuntos relacionados à família, com qualquer outra coisa, e um estudo mal posicionado, mal elaborado, que possa denotar um duplo sentido, como não vai prejudicar um usuário? Uma visita domiciliar invasiva...”
 “**Número Dois**: “será que teu campo de estágio oportuniza uma visita domiciliar, oportuniza a fazer um estudo social?”

O grupo em alguns momentos silenciava e observava mais do que falava, necessitando interferências de vez em quando.

“**Número Um**” então falou: “ah posso falar uma coisa, eu nunca questionei, porque nunca “**me senti livre para questionar**”, eu acho que isso pega muito no curso sabe? a gente se sente totalmente obrigado a seguir, os dez mandamentos do Serviço Social. (risos ao fundo) é uma religião, qualquer questionamento que seja um pouquinho fora assim, tu acha que vai ser julgada, todo mundo vai te reprovar (ao fundo as pessoas concordavam em tom de uhum) então eu deixei muitas vezes de perguntar por medo da repreensão”.

“**Número Cinco**” “um olhar negativo, um olhar pesado, você sente a estranheza no olhar quando você coloca uma coisa que você acha que é um debate um diálogo. Porque que a gente fala tanto sobre isso, e não pode conversar aqui?”

“**Número Quatro**”: “acaba afastando a gente do conhecimento”.

Ao fundo as pessoas concordavam em tom de voz baixo.

“**Número Cinco**”: “se eu coloquei uma frase que você não concordou, faça uma análise crítica, mas não coloque só o seu ponto, vamos conversar, vamos entender.”

“**Número Quatro**”: “eu fiquei assustada com a sua fala, quando essa professora disse que o Serviço Social não é um curso técnico, mas Serviço Social está dentro das Ciências Sociais Aplicadas, se tu não sabe como aplicar a sua profissão, [...] mas óbvio que a

gente tem que aprender a fazer as coisas”.

“Número Seis”: “Se o Serviço Social não tivesse essas três dimensões, técnico-operativa, (teórico metodológica e ético-política), então ela (se referindo a tal professora) não poderia ter cortado dessa forma, ela deveria ter falado: “por que que você acha isso?”

“Número Três”: “Estou participando de uma disciplina (não especificamos sua função e a disciplina para que o estudante não fosse identificado) e agora a gente percebe que as pessoas têm cobrado mais a prática, pelo menos, pelo que eu observei com a professora que estou acompanhando, é que os alunos estão pedindo mais visitas, ir nos lugares, conversar com a Assistente Social, eu senti que eles estão pedindo mais isso, e não só ficar só dentro da sala, já que se trata de uma disciplina de (...), como é que a gente vai só estar aqui dentro da sala. Aí foi que ela (se referindo a professora da disciplina) repensou, e buscou trazer outros profissionais para dar depoimentos, para conversar.”

“Número Sete”: “quando eu fiz a disciplina [...] fui a primeira turma, eu acredito que tenha tido bastante diferença (se referindo as turmas atuais) [...] por exemplo, quando a gente tinha que reunir e organizar uma reunião, a gente ficava muito instigado naquilo, a gente tinha muita vontade de fazer porque era uma coisa muito diferente, não era aquela coisa de só ler texto e discutir na sala. [...] quando eu cheguei no estágio foi muito válido ter tido reunião, encontros com estudantes de outras áreas, e que não eram da UFSC mas sim de outras universidades [...]. Não que eu já me sentia preparada, mas eu já tinha uma base. [...] imagina a de instrumentalidade, a base que tu já não vai ter para se impor? (se referindo ao fato de a disciplina de Instrumentalidade ser transformada numa disciplina mais instrumental).

“Número Três”: “e isso reflete lá fora, onde a gente fala: - ah, mas para que eu vou fazer uma ata? Para quê que eu vou fazer uma pauta? Para que toda essa preparação? Mas quando tu chega lá no estágio, é o que tu te depara pois tem uma reunião, tem uma ata, tem todo um ritual, tem um horário de início, horário de fim, para mim reflete muito positivamente.”

8.2 Segundo tema gerador em formato de questionamento:

Vocês acham que existe uma tensão entre essas duas dimensões entre a teoria e prática?

Nesse momento o grupo de maneira geral respondeu: “nossa uma tensão!!” “explosiva” “gritante”. Ao fundo **“Número Um”** falou: “contradição na verdade, os professores refletem dizendo que as três dimensões devem estar sempre juntas, no mesmo

nível, para nenhuma sobrecarregar a outra, a todo momento isso vai estar implícito.”

“**Número Quatro**” interrompeu questionando: “e como fazer? -Não falam”. (Risos ao fundo). E continuou: “Daí tu se vira”.

“**Número Oito**”: “e outra coisa interessante também, é que às vezes você está no campo de estágio e aí você precisa do *técnico-administrativo*” (se referindo a dimensão técnica-operativa) e continuou: “ e eles te olham de tal maneira, como se perguntassem: “- Como que você não sabe fazer isso?”. “Então você passa até um constrangimento, e você não se sente apta a estar ali dentro entendeu? “É meio que te afastar.”

“**Número Nove**”: “eu já tive uma experiência com um professor, já de conversar em sala de aula, eu não sei bem o nome que ele falou, mas era uma espécie de laboratório assim, para o Serviço Social era um laboratório de humanas, [...] a criação de um espaço, que pudéssemos sei lá, fazer um treino, eu não vejo problema nenhum, acho que não vai ser um curso técnico por causa disso, a gente tem que enfrentar isso no estágio, na vida profissional, então não é negar, e sim tentar usar ele do jeito certo, enfim.”.

8.3 Terceiro tema gerador em formato de questionamento:

Como vocês se avaliam, vocês dominam uma entrevista, um parecer social, uma análise... todos os recursos que o Serviço Social utiliza, o instrumental técnico mesmo, vocês se acham aptos a isso?

“**Número Quatro**”: “olha, é com muita tristeza que eu digo, que estou me formando, vou ser uma Assistente Social agora em 2019, e cara, se eu entrasse em uma empresa que não tivesse nenhuma Assistente Social eu estava *ferrada*, porque se tivesse *uma outra* eu ainda ia pedir para quebrar um ‘*galhão*’ para mim, agora eu me vir para fazer as coisas ...olha, daí eu ia ter que ler bastante coisa, por que é lendo que a gente vai, é na teoria que a gente vai baseando nossa prática.”

“**Número Cinco**”: “estamos conversando aqui, nesse grupo focal, falando de uma universidade pública federal, de um curso presencial” (nesse momento houve alvoroço e risadas nervosas). Então a pessoa continuou: “você imagina a proporção disso, a falta que sente falta de teoria, de prática, falta de tudo, falta até também de compreender as três dimensões, o que pelo menos a gente sabe o que é, compreende, só não vê, não enxerga, não é operacionalizado, mas o quão grave que deve ser num curso à distância, numa outra direção”.

Nesta hora houve um minuto de silêncio.

“**Número Quatro**”: “se no presencial já está difícil, imagine à distância”.

“**Número Sete**”: “quando cheguei no campo de estágio eu senti muita dificuldade nisso, em fazer um parecer, [...] só que eu tinha minha supervisora de campo, então quando eu falhava, ela estava ali, mas em certos momentos, eu me via pensando: -Ai meu Deus, ano que vem eu vou ser Assistente Social e não vai ter ninguém para me ajudar, então eu tenho que me aperfeiçoar nisso! só que é difícil tu não ter tido aquela base, e tu simplesmente ter que fazer, porque tu tem que dar conta do recado, e agora nos últimos meses,[...] eu teria que fazer a visita domiciliar sozinha, [...] o quão isso é importante no estágio, ter esse espaço para fazer [...] só que poderia ter tido um preparo também, aqui na universidade, porque muitas coisas eu senti dificuldade no estágio, porque teve essa *coisa rasa* aqui né, então é complicado”

“**Número Seis**”: “eu tive uma experiência, nós estávamos fazendo entrevista, eu e a minha supervisora com jovens aprendizes, e daí ela fez umas três entrevistas, e na quarta ela olhou para mim e falou assim: - você quer fazer? “Eu gelei né, porque eu entendi como é que era a ideia dela, daí comecei a fazer entrevista, e foi tão mecanizado eu lendo as perguntas que não pareceu natural, então às vezes as pessoas ficavam naquele silêncio...então ela foi lá e retomou a entrevista de novo, mas eu não conseguia sair, então não tenho aquela prática, mesmo a gente sabendo o que tem que fazer, mas tipo, fazer de fato!” (silêncio geral)

Nítida a percepção de que todos compartilhavam do mesmo sentimento, ou seja, a falta de habilidade, de manejo na condução de um dos instrumentos que a profissão normalmente faz uso, mesmo tendo lido e aprendido a parte teórica da intervenção, faltou o exercício da prática, e o silêncio do grupo foi a forma de ratificar tal desconhecimento.

“**Número Quatro**”: “tu fica apreensiva demonstrar que não sabe de nada, de fato tu não mostra o que tu precisa mostrar, que é que tu precisas aprender”

“**Número Sete**”: “Se é na universidade as dúvidas, você **não se sente confortável em sala de aula para perguntar**, eu vou chegar na aula de supervisão e não vou conseguir perguntar, eu não vou me sentir à vontade, ou qualquer outra matéria. Que é nesse espaço que a gente tem que tirar a dúvida, só que não é nesse espaço que a gente se sente tão à vontade assim”.

O grupo direcionou totalmente a discussão para o campo de estágio, campo de estágio fragilizado, críticas à falta de comunicação entre os supervisores(as) de campo e supervisor(a) acadêmico(a), o reconhecimento da falta de tempo dos próprios profissionais pela quantidade de trabalho, campos de estágios pouco desbravados pelo Serviço Social, onde nem haveria literatura específica para o Serviço Social, como por exemplo saúde mental, nesse momento, outro estudante discordou e disse existir teoria sim.

“**Numero Um**”: “na verdade assim, a gente acaba não conhecendo muito bem o

que já foi produzido na história do Serviço Social sobre os instrumentos”. [...] tem várias atuações que a gente acaba que não fica sabendo por quê? -Porque pode individualizar, pode transformar aquilo sei lá, você pode tentar encaixar todo o usuário numa caixinha né?, sabe tentar padronizar e esquecer teus princípios éticos. Mas assim acho que quando *tu tem* uma base sólida, com os teus instrumentos, tu vai se transformar, teus princípios, suas ideias em realidade, se tu não tiver teus instrumentos para transformar aquilo ali em realidade, pode ter o discurso mais lindo do mundo, que usuário vai continuar naquela situação né”.

“Número Cinco”: “não é só discurso, não basta só o ético-político, ele não vai sustentar a tua intervenção”.

Como após essa declaração houve um silêncio prolongado, questionou-se, se durante o curso, já tinham pensado na relação entre teoria e prática? Se perguntaram isso ou não? (apesar de reconhecer que no início do curso é difícil falar nessa relação - teoria e prática, pois muitos alunos entram e nem sabem se darão continuidade no mesmo).

“Número Cinco”: “eu comecei a pensar em fazer a articulação, inclusive teoria e prática no estágio, no meu estágio não tem atendimento direto ao usuário, mas eu tenho apoio direto de uma professora, então ela constantemente fica me provocando, dizendo que as atitudes dela não são meras atitudes de conversa, não estamos ali para brincadeira, é uma atitude profissional, e inclusive eu posso olhar no Código de Ética, e as atitudes dela não rebater ali e a única aproximação que a gente tem com a realidade (não única, única é uma palavra muito complicada) uma aproximação que a gente tem com a realidade, é através das pesquisas, onde a gente vai fazer visita institucional, conversar com os profissionais”.

O a próxima pergunta foi? - “Alguém percebeu isso?”

“Número Nove”: “eu já! desde o comecinho, porque como eu cursei licenciatura antes, não sei se alguém aqui fez Licenciatura, mas a gente tinha didática desde o segundo semestre, então assim, já tinha esse contato com a prática desde cedo[...] e no Serviço Social isso me incomodava um pouco, porque já estava indo para a quarta fase, e até agora não tinha nada né! (Risos ao fundo) ...eu estava estranhando, mas a gente é um curso de Bacharel né, por quê a gente não está tendo nenhuma disciplina de prática, então isso foi uma coisa que me incomodava”.

“Número Três”: “eu tive uma história assim na sexta fase, no final, porque a gente só vai ter a vivência mesmo no final”.

“Número Cinco”: “acho que lá para a metade do primeiro semestre de estágio eu já percebi”.

Após a finalização dos relatos, se agradeceu a participação dos envolvidos e

encerramos as atividades do grupo focal.

Importante destacar que dos onze estudantes presentes no grupo, duas pessoas não participaram diretamente, uma por ter chegado demasiadamente atrasada, e outra por opção pessoal, ou seja, não falou abertamente suas opiniões, críticas, dúvidas, experiências, essa participação ficou restrita aos gestos, risos e expressões faciais, e, normalmente quando o grande grupo se posicionava.

9. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS GRUPOS FOCAIS A PARTIR DA REALIDADE ACADÊMICA

Em princípio far-se-á análise das considerações do primeiro grupo focal, de acordo com os capítulos do trabalho. Observa-se que a questão da teoria e prática não está suficientemente clara e fundamentada para o grupo, ou seja, este demonstrou falta de clareza quanto ao tema, inclusive desconhecimento das Diretrizes Curriculares e sua proposta de integração dos conteúdos, de modo que eles “conversem” entre si, através dos núcleos de fundamentação. Talvez por esse motivo, trouxeram tantas sugestões de alterações para o currículo.

Constata-se que o *Primeiro Grupo focal*, entende o estágio como referência principal para a aplicação da prática, isso corrobora com as palavras de Santos (2011, p. 129) quando a mesma diz que: “Fundamentamo-nos na concepção de que o estágio constitui-se num momento privilegiado desse tratamento da prática, **mas não o único...**” (grifos nossos)

Desta forma é preocupante depositar na fase de estágio toda a expectativa da prática, visto as Diretrizes Curriculares trazerem a indicação de que durante a formação, teoria e prática devem estar em grau de horizontalidade.

“Em 1996 foi aprovado pela categoria o documento “Diretrizes Básicas para a Formação Profissional” e, em 2001, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), As novas diretrizes curriculares para o curso de Serviço Social”, não mais como currículo mínimo obrigatório. Neste, o **ensino da prática é retomado, tendo um caráter de horizontalidade a todo o currículo**, juntamente com a pesquisa e a ética”. (SANTOS, 2004, p. 221)

Outro ponto abordado de maneira unânime foi o excesso de teoria em detrimento da prática, onde os programas são carregados de referências bibliográficas, e as aulas focadas no rigor teórico, porém os estudantes não vislumbram o mesmo nível de ‘rigor’ com o ensino do instrumental técnico da profissão. Desta forma, declararam desconhecer “como” aplicar os instrumentos e técnicas normalmente utilizados pela profissão, tais como a entrevista, o parecer social, estudo social. A autora Santos (2013, p. 232) já indicava “O cuidado com “o que fazer”, “para que fazer” e “por que fazer” **sem excluir o “como fazer”**”.

Também adverte para a adequada atenção ao estudo do instrumental técnico na formação, visto sua supressão gerar uma perda de difícil reparação para a compreensão exata da função, especificidade e complementaridade de cada dimensão na atuação profissional.

Ao negligenciar a técnica e não dimensionar adequadamente o lugar, o papel e o

alcance do instrumental técnico-operativo no contexto do projeto ético-político profissional corre-se o risco de o assistente social não realizar as suas competências em responder às demandas que a sociedade lhe coloca por absoluta falta de conhecimento dos meios e mediações a serem mobilizadas para tal.(SANTOS, 2008, p. 21).

Importante destacar que apesar da indicação de desequilíbrio entre o estudo teórico e prático, concordam que a teoria é necessária para a fundamentação do conhecimento / desvelamento da realidade e das ações técnicas.

A falta de acesso ao “como fazer”, foi alvo de “descontentamento” do grupo, pois em vários relatos se observa a cobrança dos supervisores de campo por este tipo de conhecimento ao solicitar a elaboração de atas, relatórios, e autorizar os estagiários a conduzirem algumas Entrevistas e os mesmos não se sentirem preparados para fazê-los.

“por outro lado, a habilitação técnico-operativa do profissional **tem sido um dos muitos reclamos feitos à formação profissional**. É necessário atribuir maior importância às estratégias, táticas e técnicas instrumentalizadoras da ação em estreita articulação com os avanços obtidos no campo teórico-metodológico e da pesquisa. (ABESS/CEDEPSS, 1996: 153) (grifos nossos)

Muitas vezes resultando um sentimento de culpa: “culpa por não saber fazer”, frase trazida por uma estudante e que foi partilhada pela maioria.

Com relação aos diversos problemas vivenciados no estágio, (pois este foi considerado o ponto principal da discussão no sentido de envolver as dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa), entendem aquele espaço como principal elo na aplicação ‘teoria prática’. Sendo assim, é nítido nas falas, a concepção de tensões que se sobrepõe, como por exemplo, quando há descontentamento com falta de profissionais diplomados (mestres, doutores); também quando o número de professores substitutos é alto, e entendido como preocupante pelos estudantes; ainda quando estes professores entram em sala de aula sem nenhum tipo de experiência anterior ou mesmo de outro espaço que não seja o acadêmico; a falta do ensino do instrumentos e técnicas da profissão, gera insatisfação e insegurança por isso postulam que o modo de abordagem da dimensão técnico-operativa seja revisto.

As tensões acima demonstram e requerem algumas considerações, com base naquilo que Santos (2011, p. 83) anunciava sobre a política educacional em curso:

“A chamada política educacional tem sido a política de corte de verbas públicas para a educação e especificamente para a educação superior. A alocação destas já escassas verbas é feita tanto para as universidades públicas quanto para as universidades privadas. —tratadas num mesmo patamar.”

Diante disso nota-se que algumas tensões relatadas, podem ter respostas a partir

do contexto no qual vivemos. O novo formato de universidade imposto pelo Estado é um exemplo disto, ou seja, voltado para os interesses do mercado, reforçando a não contratação de professores, ao não investimento institucional adequado, desencadeando assim, uma série de fragilidades que são refletidas no ensino, na pesquisa e extensão. No tocante ao campo de estágio, o pouco número de profissionais e elevada quantidade de demandas, faz com que muitas vezes, se busque no(s) próprio(s) estagiário(s) um ponto de apoio, requerendo atitudes que este(s) não está(ão) apto(s) a dar, demonstrando que alguns insatisfações trazidas não se limitam somente à esfera teórico/prática, mas estão conectadas a conjuntura educacional.

Guerra (2003, p. 205) respalda as colocações acima expostas:

... não dá para pensar em qualquer ensino abstraído do contexto do projeto educacional brasileiro [...] há necessariamente de se supor um contexto sócio-histórico de reformas neoliberais e de constituição do marco legal para sustenta-las, tal como a LDB e de se desvelar a lógica instrumental, gerencial e produtivista que sustenta essas reformas.

Verifica-se que o desafio em articular as dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa é grande, parte de ações pessoais, profissionais, institucionais, pedagógicas; cumprimento do que prevê as Diretrizes Curriculares, e também empenho entre a categoria profissional e classe trabalhadora, a fim de exigir do Estado sua total responsabilidade enquanto gestor de políticas sociais, no caso, e em especial a de educação.

Quanto ao segundo grupo focal, este demonstrou maior clareza no tocante ao tema, se comparado ao primeiro, porém, tal qual o primeiro, os estudantes expuseram sugestões de adequação ao currículo, já previstas nas Diretrizes Curriculares, denotando desconhecimento quanto às intencionalidades destas quando das conexões entre disciplinas.

Foi unânime entre o grupo, que à dimensão teórico-metodológica é dada maior ênfase, gerando preocupação e descontentamento entre os estudantes a respeito das consequências que essa valoração ao campo teórico em detrimento ao técnico-operativo traz para a formação.

Entendem que a aprendizagem relacionada ao instrumental normalmente utilizado no e pelo Serviço Social precisa de maior consistência na academia, pois nem sempre o campo de estágio propicia esse conhecimento.

Trouxeram experiências vividas no campo de estágio, no qual relatam aflição por não dominar o uso das técnicas e instrumentos da profissão, pertencentes à dimensão técnico-operativa. Sentimento de apreensão por não conhecer instrumentos e técnicas, “vergonha”, “falta de liberdade para questionamentos” e “culpa por não saber fazer”, foram apontados como frequentes durante a formação, sentimentos esses que foram compartilhados pela

maioria dos integrantes.

Questiona-se: até que ponto estes sentimentos são aceitáveis na formação? Mesmo não se tratando do objeto desta pesquisa, entendemos que estes elementos são importantes serem avaliados devido a sua intrínseca relação com a formação e atuação profissional.

Necessário registrar que infelizmente ainda se constata na academia, por parte de alguns professores o entendimento de que o curso de Serviço Social “não é um curso técnico”, justificando dessa maneira a ausência de atividades voltadas ao ensino técnico-prático, ou seja, o total reducionismo do fazer profissional e possível medo do retorno do passado tecnicista, demonstrando talvez, inabilidade /desconhecimento do modo de aplicação da dimensão técnico-operativa em sala.

Diante disso, verifica-se que há indícios de que parte do corpo docente desconsidere o que está previsto nas Diretrizes Curriculares no que se refere à horizontalidade entre as dimensões e da aplicabilidade da dimensão técnico-operativa nas aulas.

Diante do exposto, percebemos que são comuns aos dois grupos focais:

- a) O estágio como espaço de referência quando da discussão entre teoria e prática;
- b) Críticas e sugestões para o currículo de Serviço Social, demonstrando assim desconhecimento das Diretrizes Curriculares por parte dos(as) próprios(as) estudantes;
- c) Reconhecimento da importância da teoria na formação, porém a desproporção entre o estudo de uma e de outra dimensão;
- d) Falta da abordagem efetiva da dimensão técnico-operativa e conhecimentos sobre o instrumental técnico;
- e) Sentimento de culpa “*por não saber fazer*”, “*vergonha e falta de liberdade para questionar ou sugerir algo*”;
- f) Entendimento de que o aprofundamento no conteúdo técnico não tornará o estudante necessariamente um profissional voltado única e exclusivamente para ações mecânicas e instrumentais, mas que esse conhecimento é fundamental para que dê um norte quando associado ao conhecimento teórico e análise da realidade através da investigação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, procurou-se compreender e analisar criticamente as tensões que envolvem duas, das dimensões que compõem o fazer profissional do Serviço Social – teórico-metodológica e técnico-operativa, e também verificar se através do estudo da bibliografia e análise de grupos focais poderíamos reconhecer as dicotomias existente no curso de Serviço Social da UFSC.

Entende-se como relevante a discussão, pois esta procura estabelecer a relação entre a teoria e prática, essenciais à formação e se percebe que a formação acadêmica que respeita a confluência entre estas dimensões, tende a preparar melhor o estudante, já que a ação profissional requer um perfil de profissional alinhado aos valores ético-políticos; com conhecimentos sócio históricos; teórico-metodológicos; sobre a realidade; e com capacidade técnica para fazer escolhas entre a diversidade instrumental reconhecida e utilizada.

Diante dos objetivos inicialmente propostos, quais sejam: compreender e analisar as tensões que envolvem as dimensões teórico-metodológica e técnico-operativa com base na bibliografia e realidade acadêmica; avaliar as inferências feitas pelas autoras Guerra e Santos (no tocante às obras referenciadas anteriormente) e grupos focais; interpretar as tensões existentes e estimular o debate, logrou-se êxito em sua totalidade. Um dos fatores que mais contribuíram nesse processo, foi o conjunto de informações trazido pelos grupos focais, pois a partir dos debates, ratificou-se (e ampliou-se) aquilo que anteriormente as leituras apontavam sobre a relação teoria e prática.

Outrossim foram identificadas algumas tensões na relação teoria e prática (por meio da bibliografia e grupos focais), demonstrando ter sido viável os instrumentos e o método de estudo, quais sejam: supervalorização da teoria em detrimento da prática e por consequência, o distanciamento/individualização das esferas; a prática resta para um ‘segundo plano’ no ensino, demonstrando desse modo o ‘teoricismo’ existente na academia - citado pelas autoras; posturas radicais de alguns professores no sentido de super valorizar a teoria; unanimidade de entendimento entre autores e grupos focais, de que a teoria é indispensável para uma intervenção qualificada, mas isso não significa dizer que o estudo do instrumental técnico seja dispensado; consonância também de que o estudo dos instrumentos e técnicas não necessariamente reduz o futuro profissional à atividades mecânicas e adestradas, mas sim ampliam o conhecimento da totalidade de elementos pertencentes ao fazer profissional do assistente social.

Importante destacar que para além da análise das referências, surpreende alguns

relatos trazidos pelos estudantes, como sentimento de culpa, vergonha e receio, tanto em sala de aula quanto no campo de estágio, quando demandados sobre algum instrumento e/ou técnica.

Certamente estas colocações precisam ser consideradas pelo núcleo docente, afim de se evitar danos para a formação destes e de outros estudantes que por ventura passem pelas mesmas dificuldades.

Fazendo um paralelo entre bibliografia e análise dos grupos focais, há indicação de que as Diretrizes Curriculares apesar de nortear a formação/ação profissional, trazem imprecisões de como “o fazer” (pertencente à dimensão técnico-operativa), pode efetivamente ser implementado nos cursos de Serviço Social.

Também que as tensões e dicotomias acima apresentadas podem ser o resultado da falta de discussão sobre as possibilidades e limites enfrentados pela instituição, sugerindo que medidas possam ser avaliadas e discutidas.

Em tempos de governos autoritários e ultraconservadores, o curso de Serviço Social precisa cada vez mais se apropriar intelectualmente, mas também dominar e buscar expandir o referencial técnico, a fim de que seja possível ampliar áreas de atuação e continuar trabalhando com base no projeto profissional da categoria, buscando reafirmá-lo a cada intervenção.

Esta pesquisa permitiu descortinar minha própria realidade enquanto estudante, fazendo-me perceber equívocos, questionar criticamente a formação, e despertar em outros estudantes esse mesmo olhar, pois acredito que os desafios relacionados ao ensino, aprendizagem e compreensão do alcance da dimensão técnico-operativa só poderá ser superado a partir de trocas, discussões e sugestões de tipos de abordagem / implementação dessa dimensão na academia.

Importante ressaltar que esse trabalho de concussão de curso não se propõe ao encerramento de um tema tão importante e polêmico, até porque outros estudos precisam ser feitos para que essa ‘realidade acadêmica’ seja evidenciada em sua plenitude, porém busca estimular o debate para que haja uma melhor articulação entre formação e mercado de trabalho profissional.

REFERÊNCIAS

- ABESS/CEDEPSS. **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social**. Nº 7. Cadernos Abess. São Paulo. Editora Cortez, 1997
- CARDOSO, Franci Gomes. **As novas Diretrizes Curriculares para a formação profissional do Assistente Social: Principais, polêmicas e desafios**. Ano 1. nº 2. Temporalis, 2000.
- GUERRA, Yolanda. **Formação Profissional em Serviço Social: Polêmicas e Desafios**. Sociabilidade burguesa e Serviço Social. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2013.
- GUERRA, Yolanda. **A dimensão técnico operativa do exercício profissional**. 2ª. ed. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2013.
- GUERRA, Yolanda. **A dimensão investigativa no exercício profissional**. 1ed. Brasília: Universidade de Brasília- UNB CEAD, 2009
- GUERRA, Yolanda. **A ontologia do ser social: Bases para a formação profissional**. Serviço Social e Sociedade. nº1, 1997.
- GUERRA, Yolanda. **As dimensões da prática profissional e a possibilidade de reconstrução crítica das demandas contemporâneas**. nº 2. Juiz de Fora: Libertas Revista do Serviço Social, 2002.
- GUERRA, Yolanda. Backx, Sheila. Repetti, Gustavo. **O lugar da pesquisa na formação profissional: Algumas questões a partir dos relatórios das regionais da Abepss**. nº 25, Brasília: Temporalis, 2013.
- GUERRA, Yolanda. **Em defesa da qualidade da formação e do trab. profissional: Materialização do Projeto Ético Político profissão em tempos de barbárie**. Cress 6ª Região, nº 5, ano 3: Conexões Geraes, 2014.
- GUERRA, Yolanda. **Ensino da prática profissional no Serviço Social: Subsídios para uma reflexão**. Diretrizes Curriculares: Polêmicas e perspectivas. nº. 2. Brasília/DF: Temporalis, 2000.
- GUERRA, Yolanda. FORTI, Valéria. **Na prática a teoria é outra?** 1ed. Rio de Janeiro. Editora Lumen Juris. Serviço Social: Temas, Textos e Contextos, 2010.
- GUERRA, Yolanda. **Novas perspectivas de atuação profissional: O perfil do profissional hoje**. Construindo o Serviço Social. nº 10, São Paulo: Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos, 2002.
- GUERRA, Yolanda. **O conhecimento crítico na reconstrução das demandas profissionais contemporâneas**. 1ª ed. São Paulo: Veras, 2009.
- GUERRA, Yolanda. **O ensino da prática no novo currículo: Elementos para o debate**. v.2.

São Paulo: Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos. Construindo o Serviço Social, 2003.

GUERRA, Yolanda. **O projeto profissional Crítico: estratégia de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional..** nº 91. Editora Cortez: Serviço Social e Sociedade, 2007.

GUERRA, Yolanda. **Transformações societárias e Serviço Social:** Repercussões na cultura profissional. Serviço Social Brasileiro nos anos 2000: Cenários, Pelejas e Desafios.v. 1, Recife: Editora UFPE, 2014.

IAMAMOTO, Maria Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade:** Trabalho e Formação, 22 edição, São Paulo: Editora Cortez.1998.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **Renovação e conservadorismo no Serviço Social. Ensaios Críticos.** 2ª edição. São Paulo: Cortez, 1994.

KINALSKI, DDF, Paula CC, Padoin SMM, Neves ET, Kleinubing RE, Cortes LF. **Grupo focal na pesquisa qualitativa: Relato de experiência. Revista Brasileira de Enfermagem (FEBEn).** UFSM, Centro de Ciências da Saúde, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, 2016.

<http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0091> Acesso em: 20/08/2018

KOIKE, Marieta. **Capacitação em Serviço Social e política social:** Módulo 2: As novas exigências teóricas, metodológicas e operacionais da formação profissional na contemporaneidade. Brasília: CEAD, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: **Teoria, Método e Criatividade.** Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (organizado). 30. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MIOTO, Regina Célia Tamasso; LIMA, Telma Cristiane Sasso de. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico:** A pesquisa bibliográfica. Revistas Katálysis, v.10, 2007.

SANTOS, Cláudia Mônica, PINI, Francisca. **A Transversalidade do ensino da prática na formação profissional do assistente social e o projeto ABEPSS Itinerante.** v. 25. Brasília: Temporalis, 2013.

SANTOS, Cláudia Mônica. **As dimensões da prática profissional do Serviço Social.** v.2, n.2. Juiz de Fora: Libertas, 2002/ 2003.

SANTOS, Cláudia Mônica. **As entidades do Serviço Social brasileiro na defesa da formação profissional e do projeto ético-político.** v.1. Serviço Social & Sociedade, 2011.

SANTOS, Cláudia Mônica. **Do conhecimento teórico sobre a realidade social ao exercício profissional do assistente social:** Desafios na atualidade. 1ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SANTOS, Cláudia Mônica. **Instrumentos e técnicas:** Intenções e tensões na formação profissional do assistente social. Juiz de Fora: Libertas, v. 4 e 5, 2008.

SANTOS, Cláudia Mônica. **Na Prática a Teoria é outra? Mitos e Dilemas na Relação entre Teoria, Prática, Instrumentos e Técnicas no Serviço Social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

SANTOS, Cláudia Mônica. **O Estado da arte sobre os instrumentos e técnicas na intervenção profissional do assistente social - uma perspectiva crítica**. Serviço Social. Temas, Textos e Contextos. 5ªed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016.

SANTOS, Cláudia Mônica. **Os impactos da política nacional de estágio na formação profissional frente á universidade neoliberal**. v. 09. Rio de Janeiro: Em Pauta, 2011.

SANTOS, Cláudia Mônica. **Os instrumentos e técnicas na formação profissional do assistente social no Brasil**. v. 11. Brasília: Temporalis, 2009.

SARMENTO, Hélder Boska de Moraes. **Serviço Social: Concepções e fundamentos sobre a ação profissional**. Relatório Parcial, 2017.

TANAKA, Oswaldo Y. MELO, Cristina. **Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente - um modo de fazer**. São Paulo. Edusp, 2001. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/grupopesquisamusicauergrs/grupo-focal-12670605>> Acesso em: 20/08/2018

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DA IMAGEM E ÁUDIO**

Eu, _____, nacionalidade-
 _____, estado civil _____,
 portador(a) da Cédula de Identidade RG nº _____, inscrito(a) no CPF/MF
 sob o nº _____, residente e domiciliado(a) à Rua -
 _____, bairro
 _____, Município de
 _____/SC neste ato **AUTORIZO** o uso de minha imagem e voz
 para serem utilizados exclusivamente na produção do Trabalho de Conclusão de Curso de
 Silvana Antonioli Ramos, acadêmica do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de
 Santa Catarina e também em Projetos de Pesquisa com fins didáticos e informativos. E por
 esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito sem que
 nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou qualquer outro, e
 assino a presente autorização em duas (02) vias de idêntico teor .

Florianópolis, _____ de _____ de 2018.

(assinatura)

Nome:

Telefone para contato:

APENDICE 1: Quadro com os textos da autora Yolanda Guerra

Ano	Título
2009	1 -A dimensão investigativa no exercício profissional
2009	2 -O conhecimento crítico na reconstrução das demandas profissionais contemporâneas
2013	3 -A dimensão técnico-operativa do exercício profissional
1997	4- A ontologia do ser social : BASES PARA A Formação Profissional
2014	5- Em defesa da qualidade da formação e do trabalho prof.: Materialização do projeto ético político prof. Em tempos de barbárie
2000	7 -Ensino da prática profissional no serviço social: Subsídios para uma reflexão
2015	6- As dimensões da prática profissional e a possibilidade de reconstrução crítica das demandas contemporâneas
2013	9- O lugar da pesquisa na formação profissional: Algumas questões a partir dos relatórios das regionais da ABEPSS
2010	13- Novas perspectivas de atuação profissional: o perfil do profissional hoje.. Construindo o Serviço Social
2003	8- O ensino da prática no novo currículo: elementos para o debate
2007	11- O Projeto Profissional Crítico: estratégia de enfrentamento das condições contemporâneas da prática profissional.
2010	12- NA prática a teoria é outra?
2014	14- Transformações societárias e Serviço Social: repercussões na cultura profissional.
2013	10- Formação Profissional em Serviço Social: Polêmicas e Desafios. Sociabilidade burguesa e Serviço Social

APENDICE 2: Quadro com os textos da autora Claudia Mônica dos Santos

ano	Título
2012	Na Prática a Teoria é outra? Mitos e Dilemas na Relação entre Teoria, Prática, Instrumentos e Técnicas no Serviço Social
2016	O Estado da arte sobre os instrumentos e técnicas na intervenção profissional do assistente social -uma perspectiva crítica
2011	As entidades do Serviço Social brasileiro na defesa da formação profissional e do projeto ético-político
2008	INSTRUMENTOS E TÉCNICAS: INTENÇÕES E TENSÕES NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL
2005	AS DIMENSÕES DA PRÁTICA PROFISSIONAL DO SERVIÇO SOCIAL
2013	A TRANSVERSALIDADE DO ENSINO DA PRÁTICA NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO ASSISTENTE SOCIAL E O PROJETO ABEPSS ITINERANTE
2011	OS IMPACTOS DA POLÍTICA NACIONAL DE ESTÁGIO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL FRENTE Á UNIVERSIDADE NEOLIBERAL
2016	Do conhecimento teórico sobre a realidade social ao exercício profissional do assistente social: Desafios na atualidade
2009	Os instrumentos e técnicas na formação profissional do assistente social no Brasil

APÊNDICE 3: Cronograma da pesquisa

MÊS	ATIVIDADES
Maio	<ul style="list-style-type: none"> • Definir o cronograma; • Re-definir o projeto de pesquisa; • Finalizar o projeto de pesquisa
Junho	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer Introdução e iniciar o primeiro capítulo do TCC • Capítulo 1. AS PERCEPÇÕES DE YOLANDA GUERRA SOBRE A A RELAÇÃO ENTRE O TEORIA E PRÁTICA <ul style="list-style-type: none"> • A Ontologia do Ser Social e o Serviço Social • Breve Trajetória do Serviço Social • Dimensão Teórico-Metodológica e Técnico-Operativa - Dimensões que se Complementam • Formação Profissional no Contexto do Capital • Teoria e prática – Dicotomias e cotidiano profissional • Dimensão Técnico-Operativa - Algumas Observações
Julho	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar o segundo capítulo do TCC • Capítulo 2. AS PERCEPÇÕES DE CLÁUDIA MÔNICA DOS SANTOS A RESPEITO DA RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA <ul style="list-style-type: none"> • Fundamentos Teórico-Metodológicos para Compreensão da Relação entre teoria e prática • Tecnicismo e Teoricismo – Elementos que Desarticulam a Teoria da Prática; • Críticas às Concepções Tradicionais que Limitam a Dimensão Técnico-Operativa - O que as Diretrizes Curriculares Têm a ver com isso? • A Abordagem da Teoria e Prática na Formação Profissional
Agosto	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciar o terceiro capítulo do TCC • Capítulo 3. DIRETRIZES CURRICULARES <ul style="list-style-type: none"> • A busca da identidade profissional - Breve histórico • Por que pensar em um novo projeto de formação? • Princípios • Diretrizes Curriculares

	<ul style="list-style-type: none"> • Importância e Desafios da Implementação das Novas Diretrizes e a sua relação com a Teoria e Prática
Setembro	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver capítulo 4 e 5 • Capítulo 4. CONSIDERAÇÕES/APONTAMENTOS REFRENTES ÀS AUTORAS E DIRETRIZES CURRICULARES • Capítulo 5. GRUPO FOCAL COM ESTUDANTES DAS ÚLTIMAS FASES DO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFSC
Outubro	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver capítulos 6, 7 e 8 e Considerações Finais • Capítulo 6. EXPOSIÇÃO DOS DADOS DO PRIMEIRO GRUPO FOCAL • Capítulo 7. EXPOSIÇÃO DOS DADOS DO SEGUNDO GRUPO FOCAL • Capítulo 8. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS GRUPOS FOCALIS A PARTIR DA REALIDADE ACADÊMICA • Considerações Finais
Novembro	<ul style="list-style-type: none"> • Reservado para a formatação do trabalho.